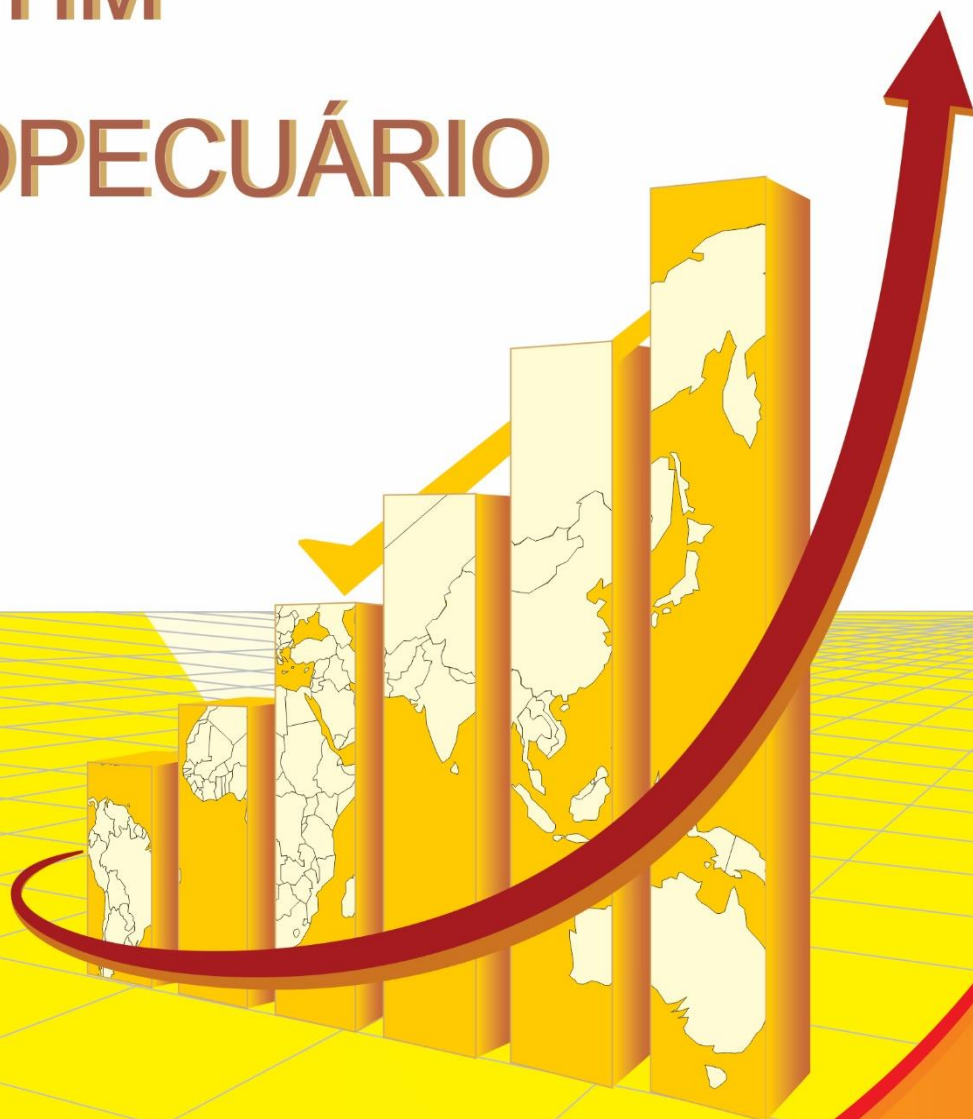


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 333

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2021

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Carlos Koji Kato – Caçador (UGT 10)

Claudio Luis da Silveira – Lages (UGT 3)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: fevereiro de 2021 – *(on-line)*

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Fevereiro/2021. Florianópolis, 2021, 46p. (Epagri. Documentos, 333). Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria. Análise de mercado; safras; conjuntura. ISSN: 0100-8986 (impresso) ISSN: 2674-9521 <i>(on-line)</i>

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	10
Milho.....	13
Soja	18
Trigo.....	21
Aveia	22
Cevada	23
Hortaliças	24
Alho.....	24
Cebola	27
Pecuária	30
Avicultura.....	30
Bovinocultura	35
Suinocultura.....	39
Leite	44

Grãos

Arroz

GlauCIA Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

Os preços ao produtor continuaram decrescentes até o final da primeira quinzena de fevereiro, tendo este movimento iniciado em dezembro de 2020. Em janeiro de 2021 os preços ao produtor catarinense fecharam em R\$87,83 a saca de 50 kg, o que representa uma redução de 2,75% em relação à dezembro de 2020. No Rio Grande do Sul essa redução foi ainda maior, 9,25%, fechando em R\$88,62 a saca de 50 kg no mês de janeiro. Esse comportamento recente dos preços segue o padrão esperado para o período do ano, haja vista o avanço da colheita nos dois estados e conseqüente aumento da oferta interna do grão. Apesar da redução observada nos últimos meses, os preços ainda encontram-se em patamares elevados. Na comparação de 12 meses, em Santa Catarina, os preços de janeiro ficaram cerca de 52% maiores em termos reais em relação ao mesmo período do ano passado. Outros fatores explicam a recente baixa dos preços, tais como o aumento das importações de países de fora do Mercosul, fortalecido pela quota de importação com isenção de impostos promovida pelo governo federal e a tendência de que o consumo retorne ao ritmo normal neste ano, contrapondo o aquecimento observado desde o início da pandemia do novo Coronavírus.

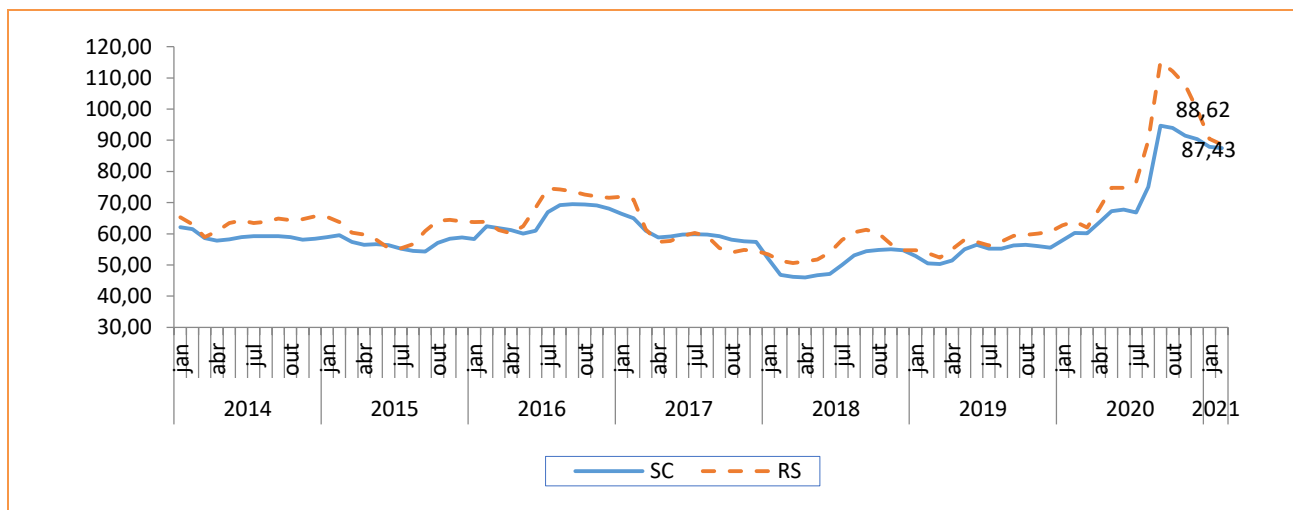


Figura 1. Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor (R\$/sc 50kg) – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a fev./2021) e comparativo do comportamento esperado e observado dos preços catarinenses – (%)

Nota: ¹ Estimativa de preços médios da primeira quinzena de fevereiro de 2021.

Preços corrigidos pelo IGP-Di (Base janeiro/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), fevereiro/2021.

Custos de produção

A Figura 2 mostra um comparativo dos custos de produção e preço médio ao produtor das safras 2015/16 a 2020/21. Observa-se que em termos reais os custos não se alteraram significativamente, especialmente nas últimas três safras. Havia uma expectativa de que com a alta do dólar, os agrotóxicos, que em sua maioria

são importados, aumentassem os preços e trouxessem prejuízos ao produtor. Contudo, em termos nominais o aumento dos preços dos principais agrotóxicos utilizados na produção de arroz irrigado foi de 7,77%, enquanto em termos reais, houve uma redução de 11,75% nesse item de custo. O maior peso nos custos de produção continua sendo o arrendamento de terras, que participa com mais de 37% do custo variável de produção. Estima-se que cerca de 60% da área produzida do estado seja arrendada e vem aumentando gradativamente, segundo levantamento realizado anualmente pela Epagri/Cepa. Mão-de-obra e colheita ocupam, respectivamente, a segunda e terceira posição nos itens de maior peso no custo variável de produção e representam juntos aproximadamente 25% do custo variável. Com isso, enquanto a estimativa é de que o custo total de produção por saco na safra 2020/21 tenha aumentado em 1,36% na comparação com a safra anterior, o preço médio ao produtor até o momento aumentou em 39,9% comparando os dois períodos, gerando uma margem média (Preço médio menos custo total) de R\$18,72, o que permite capitalização dos produtores e investimento nas safras futuras. Essa margem vem se mostrando negativa ao longo da última década, o que tem justificado a saída de produtores da atividade. Cabe destacar que essa margem é parcial, haja vista que a colheita ainda está em andamento no estado e a tendência de redução dos preços tende a reduzir a margem, mas esta deve permanecer positiva.

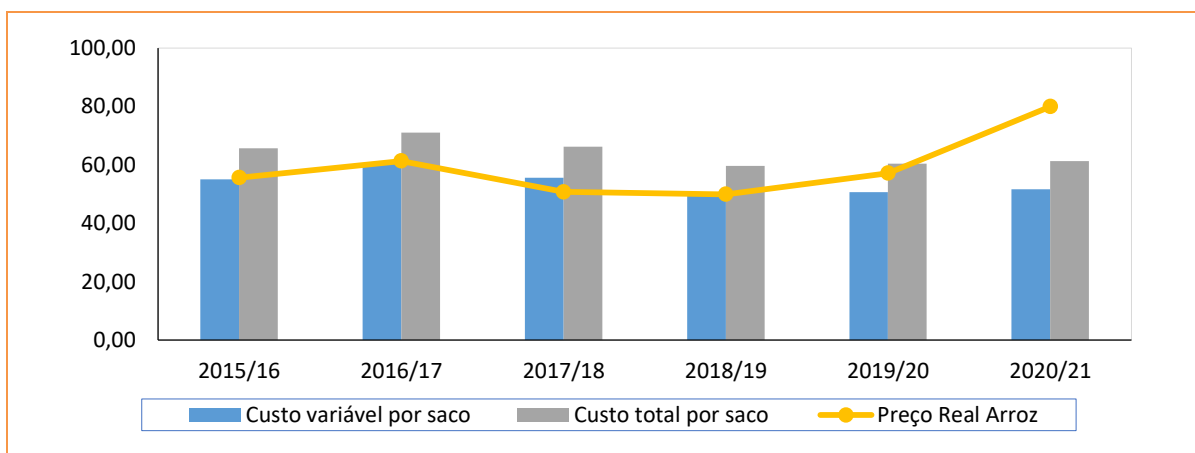


Figura 2. Arroz irrigado – Santa Catarina: Comparativo dos custos de produção e preço ao produtor das safras 2015/16 a 2020/21

Nota: Preços corrigidos pelo IGP-Di (Base dezembro/2020).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), dezembro/2020.

Comparativo de safra

A colheita do arroz segue ritmo normal, após semanas em dificuldade em razão do excesso de chuvas que atingiu as principais regiões produtoras. Atualmente, cerca de 16% da área total do estado foi colhida. Da área que está em campo, 7% está em desenvolvimento vegetativo, 56% em floração e 36% em maturação. De maneira geral as lavouras estão com desenvolvimento dentro da normalidade e a condição de lavoura aponta para 91% da área em situação boa e 9% em condição média. Cabe ressaltar que em função do excesso de chuvas tem sido registrado excesso de arroz maduro e brotamento na panícula em algumas regiões do estado o que tende a reduzir a produtividade e qualidade dos grãos. Com isso, registram-se filas para descarga do grão nas cerealistas que operam a todo vapor. A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada, em torno de 149 mil hectares. Em relação à produção e produtividade, é esperada uma redução de 5,67% em comparação à safra anterior. Isso decorre do fato de que na safra passada, 2019/20, a produtividade média obtida foi superior às observadas nos anos anteriores, especialmente no sul do estado, graças a uma conjunção de fatores, como a distribuição das chuvas, luminosidade adequada, uso de cultivares de alto potencial produtivo e incremento tecnológico.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safrá 2019/20			Estimativa Inicial – Safrá 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	454.033	7.715	0,00	-10,08	-10,08
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.115	62.977	8.851	0,20	-0,61	-0,81
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.828	168.701	7.729	0,00	-11,76	-11,76
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.895	12.293	6.487	-0,37	4,32	4,71
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.446	76.607	8.110	-0,34	2,90	3,24
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,39	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.226	150.067	8.234	0,00	-0,15	-0,15
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.695	93.757	8.766	0,25	4,80	4,53
Tabuleiro	132	739	5.598	132	924	7.000	0,00	25,04	25,04
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	16.089	7.435	0,00	-0,69	-0,69
Tubarão	18.940	150.239	7.932	18.939	145.994	7.709	-0,01	-2,83	-2,82
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	149.459	1.182.980	7.915	0,00	-5,67	-5,67

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2020.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O ano de 2021 inicia com as cotações da saca de feijão em alta. No mês de janeiro, o preço médio pago aos produtores de feijão-carioca (saca 60kg) teve aumento de 17,37% em relação a dezembro de 2020. Em termos nominais, esse valor é cerca de 72% superior ao que foi pago no mesmo mês de 2020. Paraná e São Paulo registram baixa na variação do preço médio mensal, que foi de 9,21% e 2,60%, respectivamente. Para o feijão-preto, no mercado catarinense, a variação mensal foi de 2,26%. Em valores nominais, os preços praticados no mercado catarinense estão 100% maior do que aqueles praticados no mesmo período do ano passado.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jan./2021	Dez./2020	Variação mensal (%)	Jan./2020	Variação Anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	250,15	213,13	17,37	145,37^(*)	72,08
Paraná		261,50	288,04	-9,21	184,65	41,62
Mato Grosso do Sul		255,39	273,48	-6,61	175,40	45,60
Bahia		258,57	263,26	-1,78	170,22	51,90
São Paulo		272,17	279,43	-2,60	196,02	38,85
Goiás		264,64	273,16	-3,12	185,71	42,50
Santa Catarina	Feijão-preto	257,95	252,25	2,26	128,79^(*)	100,29
Paraná		273,85	283,20	-3,30	126,75	116,06
Rio Grande do Sul		269,72	267,06	1,00	140,70	91,70

^(*) estimado.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), fevereiro/2021.

No mercado atacadista, a Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP) não registrou variação nos preços médios mensais, portanto, o mercado segue calmo. No último dia 11/02/2021, a BCSP registrou para a saca de 60kg do feijão-carioca, nota 9,5, preço médio de R\$252,50. No mesmo período, para o feijão-preto extra, a cotação da saca de 60kg ficou estabilizada em R\$245,00.

Safra

Feijão 1ª safra

A safra 2020/21 brasileira de feijão segue com a colheita de sua primeira safra, segundo dados da Conab, em todo país é esperado a colheita de cerca 920 mil hectares, com uma produção de aproximadamente 1.033,6 mil toneladas de feijão. Tal estimativa indica redução de 6,5% em relação ao resultado obtido em 2019/20, especialmente pelas oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo da cultura na Região Sul do país e na Bahia.

Em Santa Catarina, cerca de 67% da área plantada já foi colhida. Nas Microrregiões Geográficas (MRG) de Curitibaanos, Joaçaba e Campos de Lages, onde o plantio é mais tardio em função do clima mais ameno, a grande maioria das lavouras encontram-se em fase de enchimento de grãos e maturação. Na últimas semanas, as chuvas ocorreram em menores volumes, o que permitiu que os produtores pudessem realizar os tratamentos fitossanitários necessário nessas fases de desenvolvimento da cultura.

Essa primeira safra de feijão no estado pode ser dividida em dois momentos. O primeiro foi a estiagem, que perdurou até a primeira quinzena de dezembro e comprometeu as lavouras de feijão em todo estado desde sua implantação até a colheita. Os produtores das Regiões do Extremo Oeste e Oeste do estado foram os que registraram as maiores perdas. O segundo momento que merece destaque, foi o excesso de chuvas, que atingiu muitas lavouras no período de maturação e colheita. Esse período perdurou da segunda quinzena de dezembro até final de janeiro, momento em que as chuvas passaram a ocorrer em menores volumes em todo estado. Pelo excesso de chuvas, os produtores mais prejudicados foram das Regiões de Canoinhas e São Bento do Sul.

Em todo estado, como resultado da ação do clima sobre a cultura do feijão 1ª safra, safra 2020/21, estimamos que a área plantada deverá reduzir 2,3%. Além dessa diminuição de área de plantio, o produto colhido apresentou problemas de qualidade, em muitas regiões do estado, produtores simplesmente eliminaram lavouras em função da impossibilidade de realização da colheita e da péssima qualidade do produto que estava à campo. Foram inúmeros os registros de lavouras com grãos de feijão brotados na vagem e/ou com ataque severo de doenças sem possibilidade de controle. Com isso, a produtividade média nessa safra deverá reduzir quase 5%, resultando numa redução de produção de 7% na comparação com a safra anterior.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2019/20 e estimativa da safra 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa atual – Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	54	50	926	53	51	970	-1,9	2,8	4,8
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	7.100	13.844	1.950	-5,7	65,3	75,3
Canoinhas	6.200	14.420	2.326	7.450	8.295	1.113	20,2	-42,5	-52,1
Chapecó	2.208	4.585	2.077	2.067	2.412	1.167	-6,4	-47,4	-43,8
Concórdia	411	642	1.562	391	315	805	-4,9	-51,0	-48,4
Criciúma	675	778	1.153	682	805	1.181	1,0	3,5	2,4
Curitibanos	4.780	8.505	1.779	4.310	10.008	2.322	-9,8	17,7	30,5
Florianópolis	12	7	542	16	17	1.031	33,3	135,7	90,3
Ituporanga	1.010	1.628	1.612	930	1.650	1.774	-7,9	1,4	10,1
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	2.997	6.000	2.002	26,5	74,7	38,1
Rio do Sul	596	965	1.618	558	927	1.662	-6,4	-3,9	2,7
São Bento do Sul	600	1.200	2.000	600	643	1.072	0,0	-46,4	-46,4
São M. do Oeste	825	1.669	2.023	775	1.027	1.326	-6,1	-38,4	-34,5
Tabuleiro	376	451	1.200	371	407	1.098	-1,3	-9,7	-8,5
Tijucas	166	172	1.033	180	219	1.214	8,4	27,0	17,5
Tubarão	773	963	1.246	767	970	1.264	-0,8	0,7	1,5
Xanxerê	7.384	15.047	2.038	5.883	10.918	1.856	-20,3	-27,4	-8,9
Santa Catarina	35.969	62.891	1.748	35.130	58.508	1.665	-2,3	-7,0	-4,7

Fonte: Epagri/Cepa (SC), fevereiro/2021.

Feijão 2ª safra

A partir de janeiro de 2021, em todo país teve início o plantio da segunda safra nacional de feijão. Trata-se da safra que oferece os maiores volumes de produção ao mercado nacional, em comparação aos outros períodos (primeira e terceira safras). Para essa segunda safra, segundo a Conab, é esperado o plantio de 1.437,1 mil hectares, com perspectiva de obtenção de 1.408,1 mil toneladas do grão.

Em Santa Catarina, a safra de feijão é composta por duas safras. A safra de feijão 1ª, chamada de safra das águas, representa cerca de 60% da produção, e a safra de feijão 2ª, também chamada de safra da seca, responde por 40% da produção total estadual. Dois tipos de feijões predominam os cultivos catarinenses: o feijão-preto e o feijão-carioca. Considerando a soma das safras de feijão 1ª e 2ª, o feijão-preto é cultivado

em 63% da área plantada estadual e responde por 62% da produção; já o feijão-carioca é plantado em 37% da área, e contribui com 38% da produção estadual.

O plantio da segunda safra de feijão catarinense teve início em janeiro, mas em função do excesso de chuvas, a maior concentração de plantio deverá ocorrer a partir de fevereiro. Até a primeira semana de fevereiro, em todo estado, aproximadamente 38% da área destinada ao plantio com feijão 2ª já havia sido semeada. Nas regiões Extremo Oeste e Oeste do estado, o plantio está atrasado, atingindo até a primeira semana de fevereiro 45% da área de plantio, e com conclusão de plantio até final de fevereiro. Na região do Alto Vale, as operações de plantio já ultrapassam 70% da área destinada a leguminosa. Na Região Sul do estado o plantio está mais atrasado, devendo se intensificar a partir da segunda quinzena de fevereiro.

Nossa estimativa inicial para a segunda safra de feijão, indica que deveremos ter uma redução de 2% na área destinada ao plantio. Contudo, técnicos e produtores avaliam que a produtividade deverá ser superior à obtida na safra passada, na ordem de 13%. Se ao longo da safra essas estimativas se confirmarem, e não havendo interferência prejudicial por parte do clima, deveremos chegar à final da safra com uma produção 11% superior a alcançada na safra passada.

Tabela 3. Feijão 2ª – Comparativo de safra 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	602	368	611	602	368	611	0	0	0
Canoinhas	1.220	951	780	890	756	849	-27	-21	9
Chapecó	2.294	3.322	1.448	3.346	5.349	1.599	46	61	10
Concórdia	85	170	2.000						
Criciúma	2.416	1.707	707	2416	1.707	707	0	0	0
Ituporanga	1.265	1.331	1.052	1.013	1.766	1.744	-20	33	66
Rio do Sul	521	445	855	468	746	1.595	-10	68	87
São Bento do Sul	60	39	650	80	62	775	33	59	19
São M. do Oeste	2.065	2.058	997	1.620	2.271	1.402	-22	10	41
Tubarão	1.181	780	661	1.181	780	661	0	0	0
Xanxerê	13.005	20.287	1.560	12.705	21.253	1.673	-2	5	7
Santa Catarina	24.714	31.459	1.273	24.321	35.059	1.442	-2	11	13

Fonte: Epagri/Cepa (SC), fevereiro/2021.

Previsão Climática

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas acima da média climatológica no Paraná, Santa Catarina e nordeste do Rio Grande do Sul. Para o mês de fevereiro/2021, a previsão do balanço hídrico do INMET indica o predomínio de áreas com condições hídricas regulares na Região Sul, exceto no Rio Grande do Sul, onde são previstos valores déficits hídricos, principalmente sobre a parte oeste do estado. Já nos meses de março e abril/2021, existe uma tendência de redução das áreas de déficit hídrico.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

O preço médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina recuou 4,7% em dezembro/20 em relação ao mês anterior. No entanto, em janeiro de 2021 recupera o nível de preço alcançado em novembro, com R\$76,82/sc de 60kg. A elevação dos preços em 2020 foi de 41,87% (Figura 1). Nos demais estados, os valores seguiram a mesma trajetória de alta. O mercado de milho pode estar se consolidando em um novo patamar de preços, com maior impacto do mercado internacional na definição dos preços. A amplitude nas cotações dos preços do Mato Grosso e Santa Catarina aumentaram, o que poderá viabilizar a vinda de maior quantidade do cereal daquele estado para o sul do Brasil.

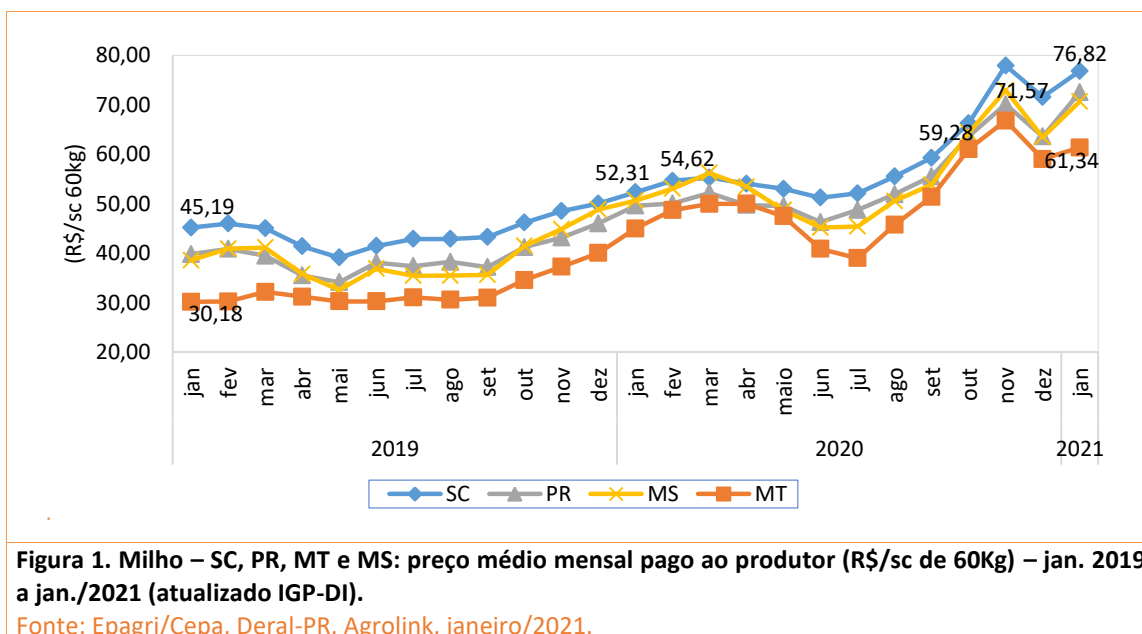


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – jan. 2019 a jan./2021 (atualizado IGP-DI).

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink, janeiro/2021.

Esta dinâmica de preços verificada neste período se deve a alguns fatores, dentre os quais:

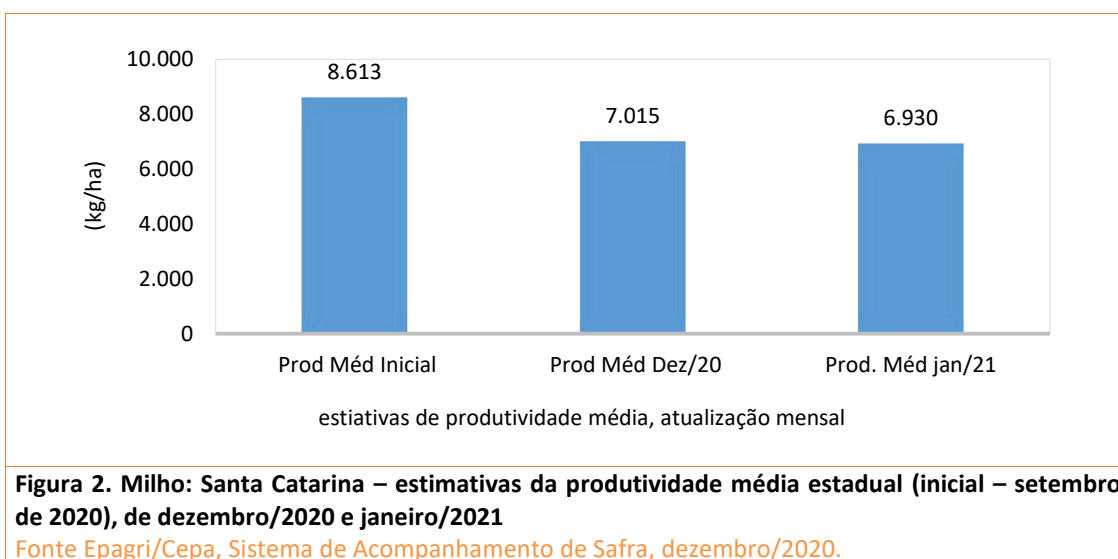
- redução do dólar frente ao real em dezembro pressionou os preços internos no fim do ano. Em janeiro as cotações recuperam os níveis dos preços de novembro de 2020;
- no Brasil, o suprimento deverá estar ajustado à demanda no primeiro semestre de 2021;
- a anomalia climática, com poucas chuvas em setembro e outubro refletiram na redução das estimativas iniciais de produção para a primeira safra do Sul do Brasil.

Os preços só devem apresentar retração caso o dólar perder força em relação ao real, viabilizando, assim, as importações no início de 2021. A entrada da primeira safra poderá gerar alguma pressão nos preços em fevereiro e março.

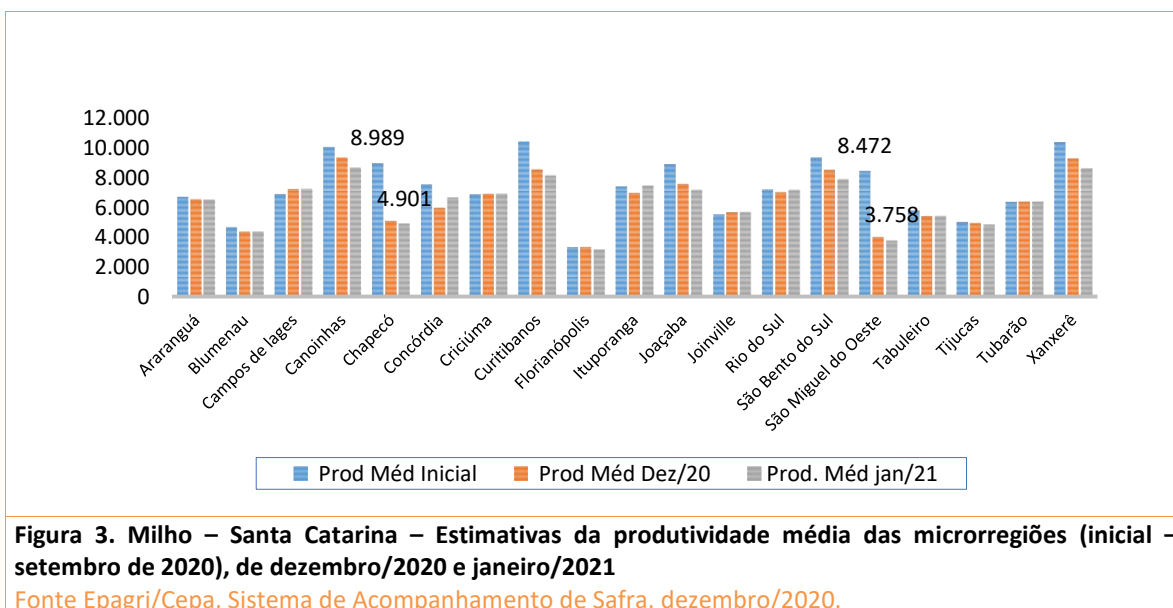
Acompanhamento da safra 2020/2021 em Santa Catarina

Milho – safra de verão (primeira safra)

A estiagem prolongada em setembro e outubro já ocasionou perdas significativas na produtividade esperada. O levantamento em janeiro apontava redução de 19,4% na produção total, que registrava 2,34 milhões de toneladas, com rendimento previsto de 7.015kg/ha (Figura 2). No relatório atual, novamente uma redução para 6.930 kg/ha, uma perda de 20% em relação a estimativa inicial de 8.613 kg/ha. A redução da produtividade em função das adversidades (excesso de chuvas) ocorridas no desenvolvimento das lavouras na fase de maturação, refletem diretamente no volume previsto da produção total do estado. O prognóstico inicial estava em 2,9 milhões de toneladas, no atual relatório registra 2,19 milhões de toneladas, redução de mais de 700 mil toneladas. A área estimada de cultivo na primeira safra alcança 316,3 mil hectares (Infoagro,2021).



As perdas são diferenciadas entre as regiões, em função das distintas fases das lavouras. Nas regiões de São Miguel do Oeste e Chapecó, as perdas até janeiro alcançaram 52,8% e 43,2%, respectivamente (Figura 3).



Estimativa para segunda safra de milho:

A área cultivada com milho na segunda safra registra 25,2 mil hectares de estimativa inicial (Tabela 1), mais de 90% superior a área da safra anterior. Com a forte estiagem em setembro e outubro de 2020, os produtores tentam recuperar produções perdidas na primeira safra.

Tabela 1. Milho: Estimativa inicial da área cultivada, produção e rendimento de milho na segunda safra (2020/21) e comparativo com a safra 2019/20

	Área 2019/20 (ha)	Prod. Méd. 2019/20 (Kg/ha)	Qtd. Prod. 2019/20 (t)	Área plant. 2020/21 (ha)	Prod. Méd. 2020/21 (kg/ha)	Qtd. prod. 2020/21 (t)
Araranguá	389	4.775	1.858	389	4.775	1.858
Chapecó	3.480	6.616	23.024	8.014	6.431	51.536
Concórdia	700	7.500	5.250	4.000	7.122	28.487
Criciúma	365	4.522	1.651	365	4.522	1.651
São M. Oeste	5.530	3.662	20.253	7.293	5.727	41.765
Tabuleiro	500	3.560	1.780	450	3.889	1.750
Tijucas	850	3.971	3.375	750	3.900	2.925
Tubarão	100	4.660	466	100	4.660	466
Xanxerê	900	6.800	6.120	3.833	6.098	23.372
Total Geral	12.814	4.977	63.776	25.194	6.105	153.809

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, dezembro/2020.

Situação das lavouras nas regiões¹ (primeira safra)

- **Região Oeste:** As perdas em função da estiagem já estão consolidadas, sendo superiores a 50% em vários municípios das regiões de São Miguel do Oeste e Chapecó. Nas regiões com maior altitude, em função do calendário de plantio mais tarde, as perdas serão menores. A cultura vem se desenvolvendo bem a partir das chuvas de novembro. Os problemas com a produção foram marcantes, com estiagem em setembro e excesso de chuvas em janeiro, condição que ocasiona problemas de grãos brotados e "ardidos". Início de fevereiro com uma pequena melhora nas condições climáticas, alguns dias sem chuvas, o que possibilita realizar as tarefas de colheita. Preços compensam em parte a situação de quebra da safra.

- **Região Planalto Norte:** as condições climáticas estão normais e a colheita vai ganhando ritmo em fevereiro. Conforme o período de plantio e dos eventos climáticos ocorridos durante o ciclo vegetativo da cultura, as produtividades médias obtidas estão variando entre uma propriedade e outra. As incidências de pragas (cigarrinha) e doenças nas lavouras também são os principais fatores dessa redução de produtividade.

- **Região Planalto Sul: Curitiba/Campos Novos/Campos de Lages:** A estiagem no início da safra de verão reduziu a produção inicialmente estimada. Neste momento, as lavouras estão com incidência de cigarrinha do milho, responsável pela transmissão de diversas doenças que podem afetar a produtividade de acordo com o nível de infestação na lavoura. Os técnicos e produtores avaliam que os prejuízos serão superiores a 10% sobre a produção atualmente esperada por conta do alastramento da praga na região.

- **Regiões Sul e Litoral:** As lavouras, de modo geral, seguem com bom desenvolvimento. Sem eventos climáticos extremos.

- **Região Alto Vale do Itajaí:** Lavouras entrando na fase de maturação, em boas condições até o momento.

¹ Sistema de acompanhamento de safra, calendário. Registro da situação do desenvolvimento da safra na primeira semana de fevereiro 2021 nas diferentes regiões do estado. Epagri/Cepa.

- **Região Meio Oeste** (Joaçaba, Videira e Caçador): Lavouras plantadas mais tarde estão em bom estado de desenvolvimento. A expectativa é de uma boa safra desde que as condições climáticas permaneçam com chuvas regulares.

Importações de milho

As importações de milho pelo Brasil estão em elevação nos últimos meses, desde setembro de 2020 já foram importadas mais de um milhão de toneladas (Figura 4). Santa Catarina, em 2020, importou mais de 400 mil toneladas. Neste ano os volumes necessários para o suprimento interno deverão ser bem superiores aos de 2020. A Epagri/Cepa avalia que as importações brasileiras devem superar um milhão de toneladas, principalmente devido à quebra da safra do sul do Brasil, o atraso do plantio da segunda safra de milho e as incertezas do suprimento interno no primeiro semestre devem pautar o mercado.

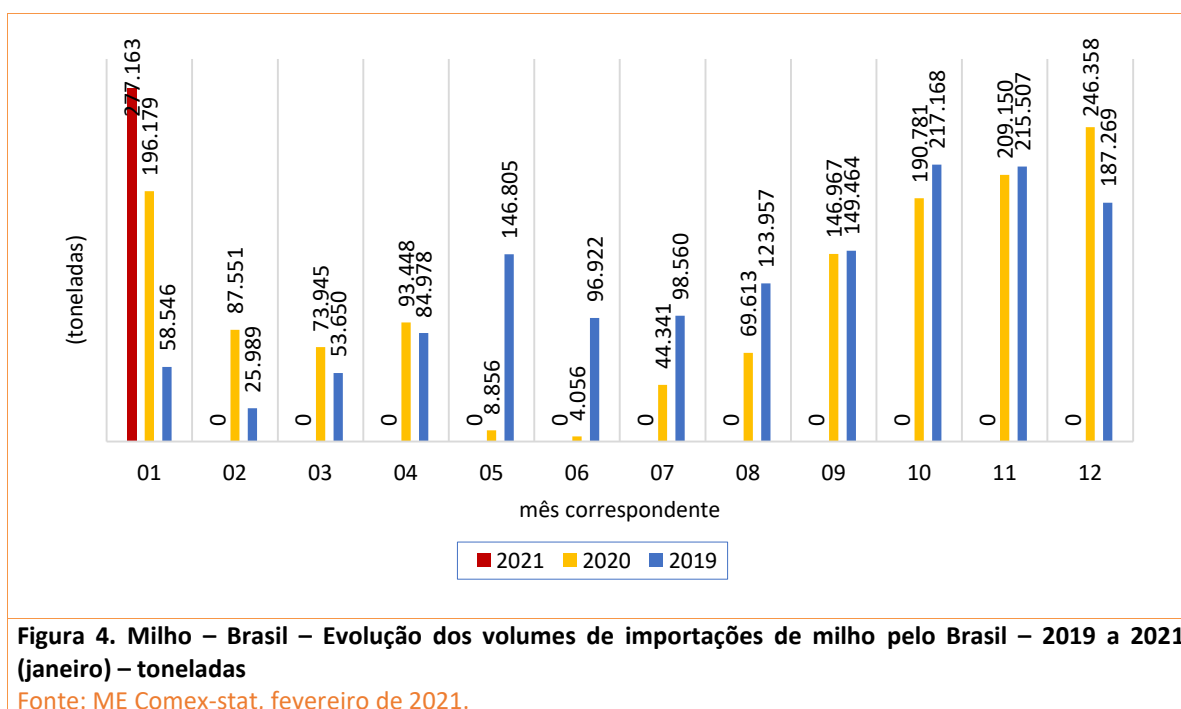


Figura 4. Milho – Brasil – Evolução dos volumes de importações de milho pelo Brasil – 2019 a 2021 (janeiro) – toneladas

Fonte: ME Comex-stat, fevereiro de 2021.

Situação nacional

Para a safra 2020/21 a Conab estima a produção de 105,4 milhões de toneladas, aumento superior em 2,9% à safra 2019/20. Em relação ao consumo doméstico total, a Conab elevou suas projeções para 71,8 milhões de toneladas, safra 2020/21, aproximadamente 0,5% superior à divulgação de janeiro de 2021. Esse ajuste se deve ao bom desempenho das exportações brasileiras e expectativa de aumento da produção doméstica de proteína animal. Por outro lado, a Conab mantém para a safra 2020/21 inalteradas suas projeções de importação e exportação de grãos de milho no volume de um milhão de toneladas e 35 milhões de toneladas, respectivamente.



Situação mundial, destaque no relatório USDA de fevereiro 2021²

Em janeiro, os EUA venderam para a China 5,9 milhões de toneladas de milho, que serão entregues até o final de agosto de 2021. Isto significa que a China vai exceder a TRQ (cotas tarifárias), visto que, além dos EUA, deverá comprar também da Ucrânia e de outros países. Em setembro do ano passado a comissão chinesa de reforma e desenvolvimento nacional tinha previsto que o TRQ se mantinha em 7,2 milhões de toneladas. Uma maior demanda por alimentos do mercado chinês impulsionou as exportações do milho americano, com volumes recordes em 2021.

A melhora das condições do clima e chuvas regulares na América do Sul amenizaram a preocupação em relação à uma redução mais significativa da safra atual.

² Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 14 February 2021.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços apresentaram recuo de 9,9% em dezembro frente ao mês anterior. Mesmo assim, em 2020 a alta nos preços foi de 44,5%, batendo recordes nominais e em valores corrigidos (considerando a série histórica desde 2014 da Epagri/Cepa). Em janeiro de 2021, os preços retomaram o movimento de alta, cerca de 6,9% em relação a dezembro. Desde 2019 até início de 2020, os preços se mantiveram entre R\$80,00/sc e R\$100,00/sc. No segundo semestre de 2020, as cotações se consolidaram acima dos R\$100,00, alcançando, no estado, R\$160,52 em novembro (Figura 1). Observa-se que o comportamento dos preços no Mato Grosso, nos últimos meses analisados, superaram as cotações no sul do Brasil (Figura 1). Isto se deve à forte demanda internacional no período e escassez do produto, fatores que distorceram os preços relativos. Com o início da colheita em fevereiro/2021, está retornando ao padrão anterior a 2020.

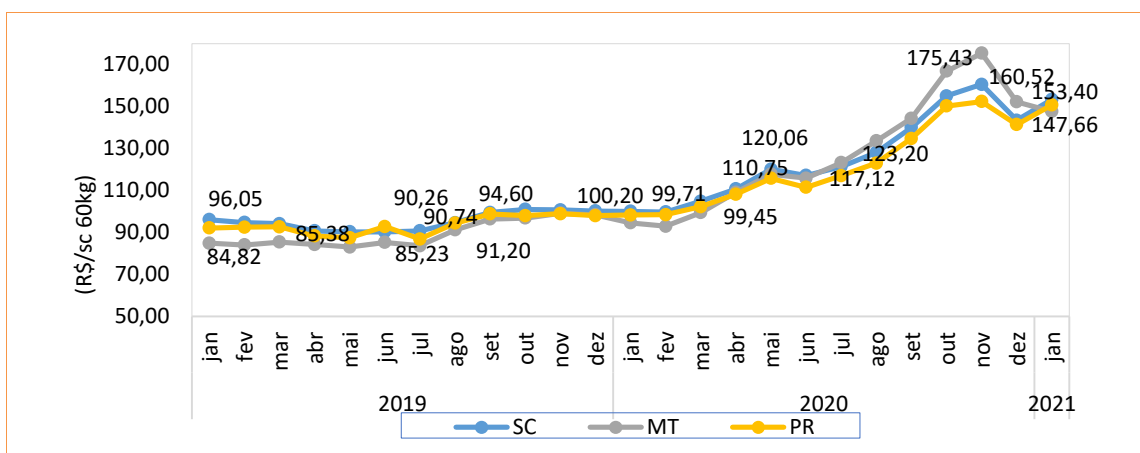


Figura 1. Soja em grão - Santa Catarina, Mato Grosso e Rio Grande do Sul: preço médio mensal ao produtor – dez/2018 a dez/2020 (corrigido IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, setembro/2020; Deral – PR e Agrolink (MT), janeiro/2021.

Mesmo com o recuo das cotações do dólar no início de dezembro, a soja continua com os preços fortalecidos na Bolsa de Chicago, ultrapassando, em janeiro e fevereiro, US\$14/buschel, que representam valores acima dos US\$30,0/sc de 60kg. Em fevereiro oscila entre US\$13,70 e 13,80/buschel, contrato março 2021.

As cotações internacionais são impulsionadas pela demanda Chinesa por soja, redirecionada para os EUA no segundo semestre de 2020, sendo que, agora, com o início da colheita da safra brasileira, retoma os embarques na América do Sul.

O clima na América do Sul continua no foco do mercado, bem como o ritmo das operações de colheita no Brasil.

Safra catarinense 2020-21

A estimativa atual indica o cultivo de 660,24 mil hectares de soja no estado na primeira safra, com produção prevista de 2,25 milhões de toneladas, 6,5% inferior do prognóstico inicial da safra, sendo que fatores climáticos reduziram a expectativa de rendimento (Figura 2). Neste ano, o prognóstico considera a área de cultivo para a primeira e segunda safras separadamente. As boas condições climáticas em dezembro e janeiro devem manter uma produção satisfatória na atual safra.

Figura 2. Soja – Primeira safra – Santa Catarina: Estimativa inicial e atual (jan/2021)

MRG	Área Plant. Inicial (ha)	Prod. Méd. Inicial (kg/ha)	Qtd. Prod. Inicial (t)	Área plant. Jan./21 (ha)	Prod. Méd. jan./21 (kg/ha)	Qtd. Prod. Jan./21 (t)
Araranguá	580	3.402	1.973	730	3.391	2.476
Campos de lages	62.540	3.319	207.582	64.340	3.472	223.357
Canoinhas	138.400	3.804	526.491	140.600	3.338	469.310
Chapecó	80.825	3.385	273.603	79.300	2.880	228.361
Concórdia	6.055	3.790	22.946	6.170	3.740	23.076
Criciúma	4.440	3.542	15.728	4.440	3.508	15.578
Curitibanos	111.220	4.151	461.703	111.220	3.933	437.448
Ituporanga	8.350	3.505	29.268	8.350	3.505	29.268
Joaçaba	52.960	3.718	196.888	52.960	3.602	190.766
Rio do Sul	5.615	3.440	19.316	5.695	3.438	19.580
São Bento do Sul	11.300	3.612	40.811	11.800	2.972	35.070
São Miguel do Oeste	35.459	3.789	134.364	35.459	3.010	106.746
Tubarão	650	3.200	2.080	650	3.280	2.132
Xanxerê	138.660	3.496	484.813	138.523	3.438	476.195
Total Geral	657.054	3.679	2.417.566	660.237	3.422	2.259.363

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2020.

O plantio da segunda safra registra a área cultivada de 39,3 mil hectares, estimativa inicial (Figura 3). Portanto, a área total a ser cultivada com soja no estado está próximo de 700 mil hectares na safra 2020/2021. Com o atraso no plantio de milho em função da estiagem prolongada, algumas áreas migraram para o cultivo de soja. Registra-se que, o cultivo tardio da soja deverá seguir critérios definidos pelo Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC)³.

Figura 3. Soja – Segunda safra – Santa Catarina: Estimativa inicial e atual (jan./2021)

	Área Plant. Inicial (ha)	Prod Méd. Inicial (kg/ha)	Qtd. Prod. Inicial (t)
Araranguá	385	3.345	1.288
Canoinhas	4.331	1.955	8.467
Chapecó	15.230	2.388	36.370
Concórdia	1.200	3.228	3.873
São Bento do Sul	180	1.856	334
São Miguel do Oeste	6.410	2.417	15.490
Xanxerê	11.600	2.269	26.320
Total Geral	39.336	2.342	92.142

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2020.

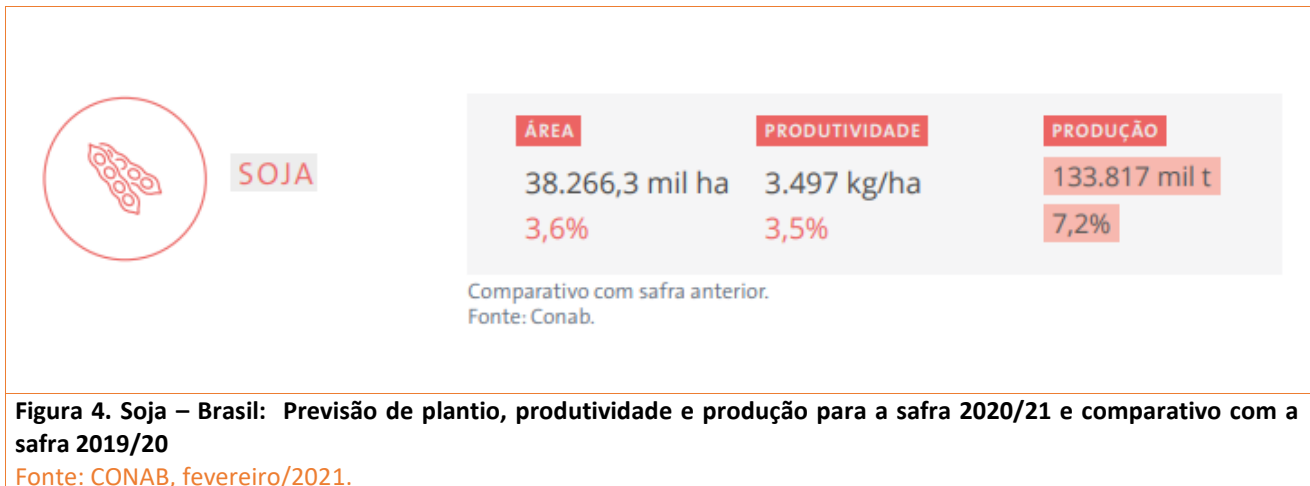
Cenário Nacional da Safra 2020/2021⁴.

A expectativa para a safra 2020/21 é de continuação no crescimento da área plantada da oleaginosa, num acréscimo de 3,6% em comparação à safra anterior, estimada em 38,3 milhões de hectares (Figura 4). Em outubro foram registradas precipitações abaixo das médias históricas em praticamente todos os estados produtores da oleaginosa, especialmente os da Região Centro-Oeste, maior produtora nacional. A partir de

³ <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/riscos-seguro/programa-nacional-de-zoneamento-agricola-de-risco-climatico/portarias/safra-vigente/santa-catarina>

⁴ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº4 – quinto levantamento | fevereiro 2021

dezembro e durante o mês de janeiro houve a ocorrência de precipitações mais volumosas, propiciando condições mais adequadas para o encerramento do plantio nas diversas regiões, bem como a normalização no desenvolvimento das lavouras. Com essa regularização do clima é esperada produção recorde de 133,8 milhões de toneladas, representando incremento de 7,2% em relação à safra passada.



Mercado mundial

A oferta de soja nos Estados Unidos diminui sazonalmente, os compradores estão se voltando para a América, do Sul, principalmente Brasil, onde a colheita está no início. A produção no Brasil está com a previsão em 133 milhões de toneladas, 7 milhões acima do ano passado⁵. No entanto, problemas de fluxo de transporte nas rodovias do Arco Norte, pode refletir o atraso dos embarques para exportações.

⁵ Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 2 February 2021.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Com a safra de trigo concluída em todo estado, as cotações no mercado de balcão (valor pago ao produtor) para a saca de 60kg de trigo (PH78) obteve variação positiva no mês de janeiro, com um incremento de 1,36%, em relação a dezembro de 2020. No Paraná e Rio Grande do Sul também houve alta, de 4,87% e 4,41%, respectivamente. Os preços internos continuam atingindo patamares recordes em 2021, sustentados pela baixa oferta de trigo (PH 78 ou maior), pelo dólar elevado e pela necessidade de indústrias de repor estoques. No mercado catarinense, os preços praticados em janeiro estão, em termos nominais, 65% acima do que foi praticado em janeiro de 2020.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Jan./2021	Dez./2020	Varição mensal (%)	Jan./2020	Varição anual (%)
Santa Catarina	73,09	72,11	1,36	44,31	64,95
Paraná	71,64	68,31	4,87	48,38	48,08
Mato Grosso do Sul	70,62	67,91	3,99	44,15	59,95
Goiás	81,00	73,58	10,08	50,61	60,05
Rio Grande do Sul	73,19	70,10	4,41	41,45	76,57

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), fevereiro/2021.

A manutenção dos preços do trigo em patamares elevados se deve a vários fatores. A produção nacional é insuficiente para atender toda demanda nacional, sendo necessário a importação de mais da metade do volume consumido pelo mercado interno. Isso faz com que a indústria moageira fique atenta em relação a disponibilidade de trigo de boa qualidade no mercado interno, ao preço no mercado internacional e a variação do dólar.

Por outro lado, as cotações internacionais dependem da relação de oferta e demanda do produto no comercial mundial. No caso da Argentina, nosso principal fornecedor de trigo, restrição governamentais à venda internacional do trigo, aliado a tributações excessivas às exportações, podem dificultar o comércio com o Brasil. Da mesma forma a possibilidade de grandes exportadores mundial como Rússia e Ucrânia, em função da pandemia, adotarem barreiras tarifária e não tarifárias, restringindo a disponibilidade de trigo no comercial internacional, são fatores que sustentam os preços do trigo no curto prazo.

Safra

Em Santa Catarina, a área plantada nessa safra 2020/21 cresceu 15% na comparação com a safra passada, estimulada pelos bons preços praticados no início da safra, o que levou produtores a investir na atividade e ampliar suas áreas de cultivo. Contudo, no transcorrer da safra o clima não foi favorável. Geadas localizadas e uma estiagem prolongada comprometeram o resultado da safra, que encerrou com uma produtividade média 4% inferior à obtida na safra anterior. Mesmo assim, deverá ser registrada uma produção 11% superior à que foi colhida na safra anterior.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre as safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Saфра 2019/20			Estimativa Saфра 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Campos de Lages	924	2.158	2.335	634	1.285	2.027	-31	-40	-13
Canoinhas	9.500	35.419	3.728	13.300	46.780	3.517	40	32	-6
Chapecó	11.584	34.323	2.963	13.493	35.765	2.651	16	4	-11
Concórdia	706	1.985	2.812	1121	3.355	2.993	59	69	6
Curitibanos	7.301	23.268	3.187	9.040	29.212	3.231	24	26	1
Ituporanga	840	2.078	2.474	781	2.032	2.601	-7	-2	5
Joaçaba	3.848	10.939	2.843	3.987	9.779	2.453	4	-11	-14
Rio do Sul	200	485	2.425	250	605	2.420	25	25	0
São Bento do Sul	500	1.710	3.420	700	2.310	3.300	40	35	-4
São M. do Oeste	3.748	8.100	2.161	4.595	11.870	2.583	23	47	20
Xanxerê	11.650	34.309	2.945	10.531	28.345	2.692	-10	-17	-9
Santa Catarina	50.801	154.774	3.047	58.432	171.339	2.932	15	11	-4

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2021.

Aveia

Saфра 2020/21 encerrada para aveia grão. Em Santa Catarina, essa atividade é realizada por produtores que cultivam a aveia para produção de grãos. A aveia grão, normalmente utilizada como semente, tem como principal destino: a cobertura de solo em lavouras temporárias e permanentes e para produção de pastagem de inverno para a pecuária de corte e leite. Santa Catarina, essa produção está relativamente estabilizada numa área total de 35 mil hectares. Nos últimos anos, os problemas de estiagem e geadas prejudicaram consideravelmente o desenvolvimento dessas lavouras.

Tabela 3. Aveia grão – Comparativo entre as safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Saфра 2019/20			Estimativa Saфра 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Campos de Lages	2.100	2.550	1.214	1.001	1.000	999	-52	-61	-18
Canoinhas	5.650	5.265	932	5.800	5.160	890	3	-2	-5
Chapecó	1.962	1.872	954	1.860	1.980	1.065	-5	6	12
Concórdia	251	500	1.992	250	372	1.486	0	-26	-25
Curitibanos	6.050	7.330	1.212	6.190	9.216	1.489	2	26	23
Joaçaba	351	480	1.368	580	770	1.328	65	60	-3
São Bento do Sul	110	88	800	110	88	800	0	0	0
São Miguel do Oeste	2.710	2.420	893	3466	3.177	917	28	31	3
Xanxerê	16.002	20.410	1.275	15700	21.520	1.371	-2	5	7
Santa Catarina	35.186	40.915	1.163	34.957	43.282	1.238	-1	6	6

Cevada

A safra 2020/21 de cevada está encerrada em Santa Catarina. A produção desse cereal tem como finalidade a produção de cerveja. Os produtores cultivam esse cereal a partir de contratos de garantia de compra pela indústria cervejeira (p.ex. Ambev). Toda assistência técnica é oferecida por essas empresas, que acompanham o desenvolvimento das lavouras, desde a implantação até a colheita do cereal. Se tratar de um produto que tem um mercado definido e bastante restrito, com exigências específicas quanto a qualidade para a produção de malte cervejeiro. Em muitas safras, fatores climáticos impedem que a cultura atinja os padrões de qualidade de grão exigidos pela indústria. Com isso, muitos produtores acabam não obtendo a rentabilidade esperada, desmotivando novos investimentos e ampliação da atividade.

Tabela 4. Cevada grão – Comparativo entre as safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Campos Novos	1.080	2.592	2.400	290	940	3.240	-73	-64	35
Água Doce	700	2.100	3.000	150	288	1.920	-79	-86	-36
Fraiburgo				50	96	1.920			
Santa Catarina	1.780	4.692	2.636	490	1.324	2.701	-72	-72	2

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

A produção de alho em Santa Catarina se caracteriza historicamente por ser realizada em sua maioria por pequenos produtores familiares. Porém, independentemente do tamanho, é uma atividade que os produtores têm se especializado, tanto na infraestrutura produtiva com equipamentos para irrigação quanto no manejo da cultura e do solo e, mais recentemente, tem surgido boas experiências em organização cooperada para a comercialização da produção.

Preço

Em janeiro, no mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado, na primeira semana, a R\$13,75/kg, fechando o mês em R\$14,53/kg, aumento de 5,67% no mês. O alho classe 6, no mesmo período, passou de R\$15,68/kg para R\$16,47/kg, aumento de 5,03%, e o alho classe 7 fechou janeiro a R\$19,34/kg, aumento de 9,82% em relação ao início do mês.

Na primeira semana de fevereiro, os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, permaneceram estáveis em relação ao final do mês de janeiro.

O preço do alho chinês no atacado, em janeiro, teve redução de 7,6% em relação ao preço de fechamento do mês de dezembro, passando de R\$13,00/kg para R\$12,00/kg, permanecendo sem alteração até o final do mês.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o preço do alho nobre nacional teve pequenas oscilações no mês de janeiro. O alho classes 4 e 5, que iniciou o mês de janeiro a R\$11,50/kg fechou o mês a R\$12,00/kg, aumento de 4,34%. O alho classes 6 e 7, que finalizou o mês de dezembro a R\$13,50/kg, fechou o mês de janeiro a R\$13,00, redução de 3,84% no mês.

Em relação à comercialização da safra catarinense 2020/2021, o ritmo ainda é lento em função da estratégia de muitos produtores em buscar melhor preço nos próximos meses. No mês de janeiro, o preço médio pago ao produtor para o alho classes 2 e 3 foi de R\$5,96/kg, para o alho classes 4 e 5 o preço médio foi de R\$ 7,96/kg e para o alho classes 6 e 7 o preço médio foi de R\$9,96/kg. No final do mês de janeiro e início de fevereiro a procura pelo alho catarinense tem aumentado, puxando o preço ao produtor, sinalizando alguma melhoria no mercado para o próximo período.

Produção

Quanto ao andamento da safra, 100% das lavouras já foram colhidas e o produto está em processo de cura, armazenamento, classificação e comercialização.

Como registrado em edições anteriores, apesar dos problemas climáticos ocorridos no desenvolvimento da safra, a condição de sanidade das lavouras foi considerada boa em 80% da área plantada no estado, com produção de bulbos de excelente qualidade, embora de menor calibre. Nos 20% restantes da área plantada, as condições foram consideradas de médias a ruins, consequência da severidade das perdas em função da ocorrência de granizo, vendavais e falta de chuvas. Desta forma, a safra apresenta produção de maior percentual de bulbos de calibre menor em relação a uma safra normal, acarretando menor valor

comercial da hortaliça. A expectativa dos produtores é de que a boa condição de sanidade dos bulbos, que permite armazenamento por período maior, e as perspectivas positivas de preços nos próximos meses, propiciem uma compensação das perdas de produção provocadas pelos eventos climáticos.

Comércio exterior

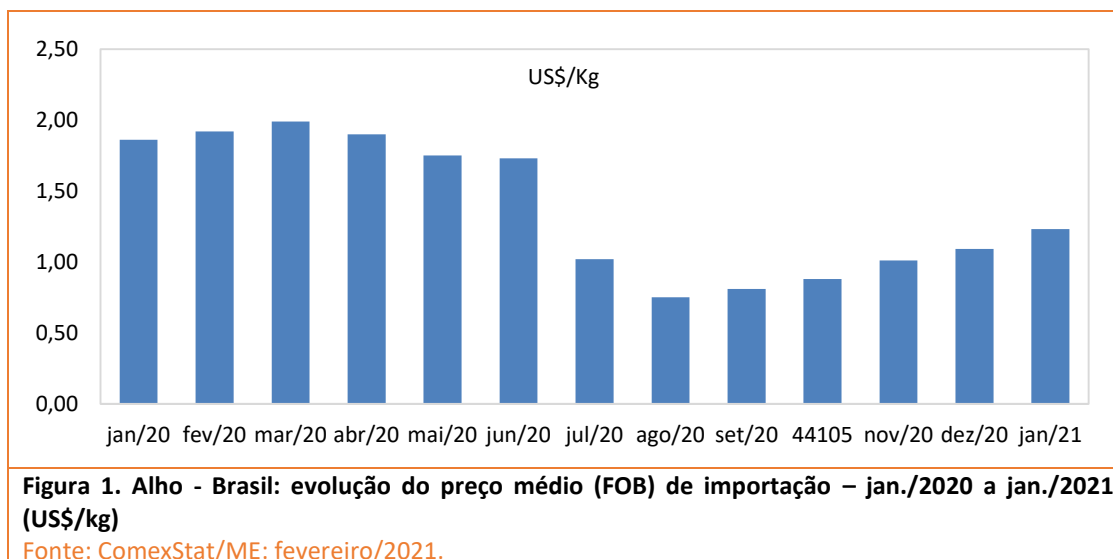
Em janeiro foram importadas 11,76 mil toneladas, o menor volume para o mês nos últimos cinco anos, o que pode influir positivamente na conjuntura do mercado para o produto nacional (Tabela1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a dez/2020 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11,76

Fonte: Comexstat/ME: fevereiro/2021.

Em janeiro, o preço médio (FOB) do alho importado manteve tendência de recuperação em relação aos meses anteriores, porém, ainda está muito abaixo dos patamares do primeiro semestre de 2020. Em relação ao mês de dezembro, o aumento foi de 12,84%, passando de um preço médio de US\$1,09/kg para US\$1,23/kg (Figura 1).



Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal, pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a janeiro de 2021.

O desembolso com importação no mês de janeiro/21 foi de US\$14,45 milhões (FOB), redução de 9,74% em relação a dezembro. O volume importado foi 11,76 toneladas, uma redução de 18,04% no mesmo período.

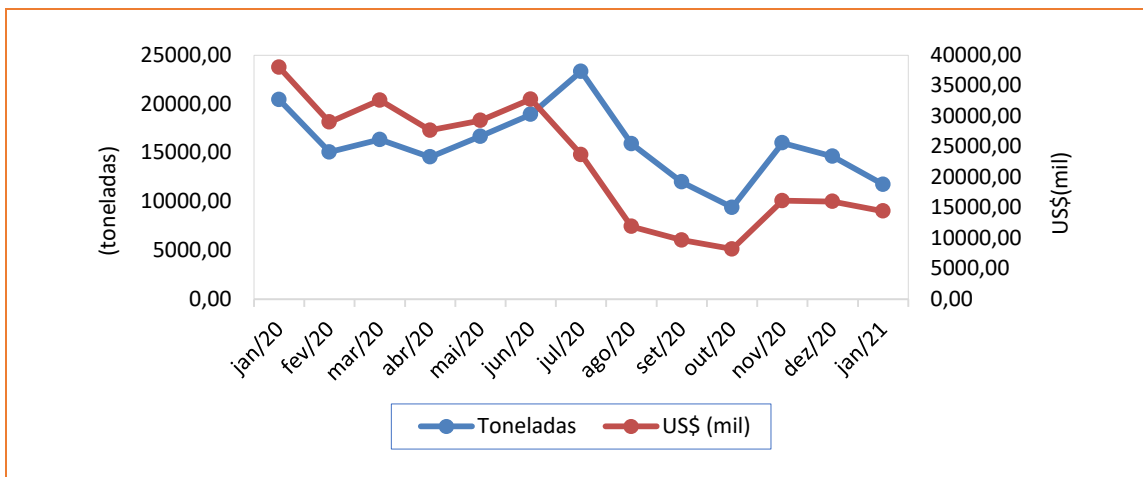


Figura 2. Alho - Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação de jan./2020 a jan./2021

Fonte: ComexStat/ME: fevereiro/2021.

Em janeiro/21, os principais fornecedores de alho para o Brasil foram a Argentina, com 8,42 mil toneladas, representando 71,59% do total importado, a China, com 3,10 mil toneladas, 26,36% do total. A soma de outros países alcançou somente 236 toneladas, ou 2,05% do total (Figura3).

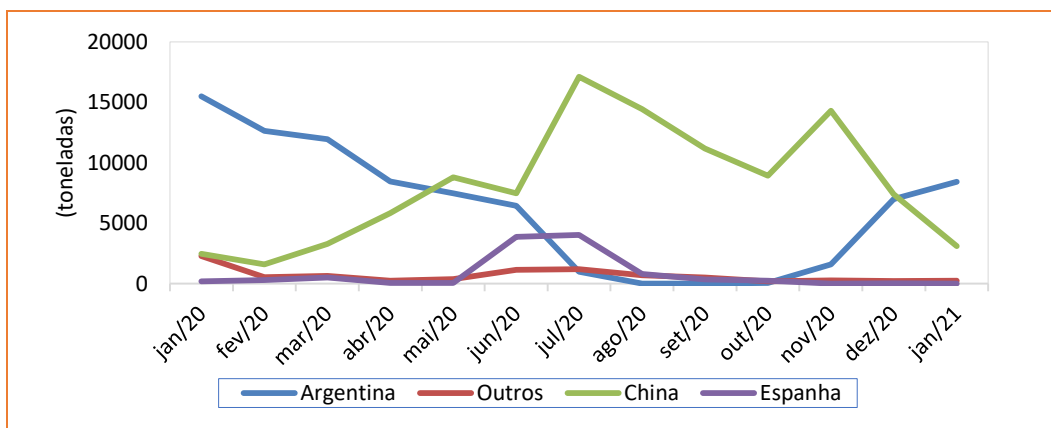


Figura 3. Alho: Brasil – Participação dos principais países fornecedores de jan./2020 a jan./2021 – (t)

Fonte: Comexstat/ME, fevereiro/2021.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A comercialização da safra catarinense de cebola, que ocorre desde os últimos meses do ano passado, está seguindo seu ritmo normal com preços acima do custo de produção estimado, proporcionando retorno econômico aos produtores. Os eventos climáticos como granizo, vendavais e estiagem ocorridos durante o desenvolvimento da cultura afetaram a safra 20/21, seja pela redução de produção, menos 19,22% em relação à estimativa inicial (que era de pouco mais de 480 mil toneladas), seja pela maior presença de bulbos de menor calibre, tipo caixa2 (miúda), que têm menor valor comercial. Por outro lado, as condições de baixa umidade durante o ciclo de desenvolvimento da cultura proporcionaram a produção de bulbos de boa sanidade que podem ser armazenados por período maior.

Preços e Mercado

O mercado da cebola iniciou o ano com preços firmes, provocados pela menor oferta da safra sulista, afetada pela falta de chuvas que reduziu a produção total.

No mês de janeiro, os preços pagos ao produtor foram relativamente altos, apontando para a permanência de boas condições do mercado para a comercialização da safra catarinense e sulista.

Em Ituporanga, no início da segunda quinzena de janeiro, o preço ao produtor girou em torno de R\$2,00/kg, valor 36,05% superior ao mesmo período do mês anterior. Na cidade de Lebon Regis, cuja comercialização da safra iniciou neste ano, no mesmo período, os preços ao produtor foram de R\$1,71/kg.

Na CEAGESP/SP, o mês de janeiro iniciou com preço da cebola a R\$2,67/kg, ou seja, aumento de 10,48% em relação ao início de dezembro. A partir da segunda semana do mês houve nova reação nos preços, passando para R\$2,76/kg, e fechando o mês a R\$3,10/kg, aumento de 16,10% em relação ao início do mês.

Na primeira semana de fevereiro, os preços da hortaliça no atacado paulista voltaram a subir e atingiram no dia 08 o valor de R\$3,31/kg, aumento de 6,74% em relação ao final do mês de janeiro.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de janeiro iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$2,00/kg, aumento de 14,28% em relação ao início de dezembro. O mês de fevereiro iniciou com preço em alta, passando para R\$2,75/kg, aumento de 37,5% em relação ao início do mês.

Safra catarinense

De acordo com o levantamento de campo realizado pela Epagri/Cepa, a colheita da safra catarinense de cebola foi concluída. De forma geral, no período da colheita ocorreu alguns períodos de chuvas mais intensas e alongadas afetando a qualidade dos bulbos, especialmente na região de Lebon Regis. Problemas durante o desenvolvimento da cultura e a presença de chuvas mais intensas na fase final, em algumas situações provocou a presença de fungos pós-colheita, alterando a qualidade da hortaliça para o mercado.

De qualquer forma e, apesar de problemas localizados, a safra catarinense de cebola apresenta produção de bulbos com sanidade muito boa. Esta condição permite aos produtores armazenar o produto e escalonar a comercialização com maior tranquilidade, atentos ao comportamento do mercado para não perder a boa oportunidade da liquidez que se apresenta. Segundo levantamento da Epagri/Cepa, em decorrência dos problemas climáticos enfrentados durante o ciclo de desenvolvimento da cultura, a safra apresenta em torno de 40% de bulbos caixa 2 (diâmetro de 35 a 50mm). Contudo, a menor oferta da hortaliça está favorecendo a absorção desse tipo de produto pelo mercado.

Importação

Em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. O pico da entrada de cebola no Brasil ocorreu nos meses de abril, maio e junho, superando significativamente os mesmos períodos dos anos anteriores. Embora pouco significativo em termos de volume, as importações de janeiro deste ano são as maiores dos últimos quatro anos (Tabela 1).

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de 2018 a 2020 (t)

Ano	Jan	Fev.	Mar	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set	Out	Nov.	Dez	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640,51	197.756
2021	910,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	910,8

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, fevereiro/2021.

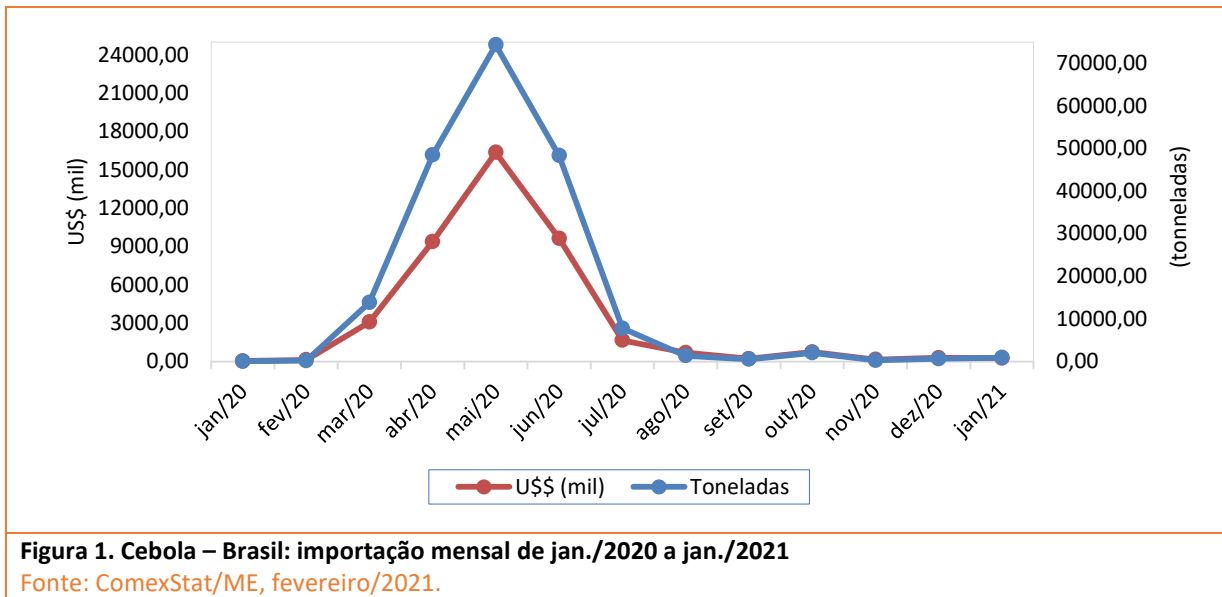
O Brasil é um importante mercado para a produção de cebola de diversos países. Na tabela 2 são apresentados os principais países fornecedores da hortaliça ao Brasil em 2020, os respectivos volumes, valores e preço médio FOB. Destaca-se a Argentina, com 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado pelo país. A seguir vem o Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total e, em terceiro, os Países Baixos, com 7,23% do total importado. O custo médio FOB foi de US\$0,21/kg, influenciado pelo preço da Argentina, que foi de US\$0,17/kg.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020

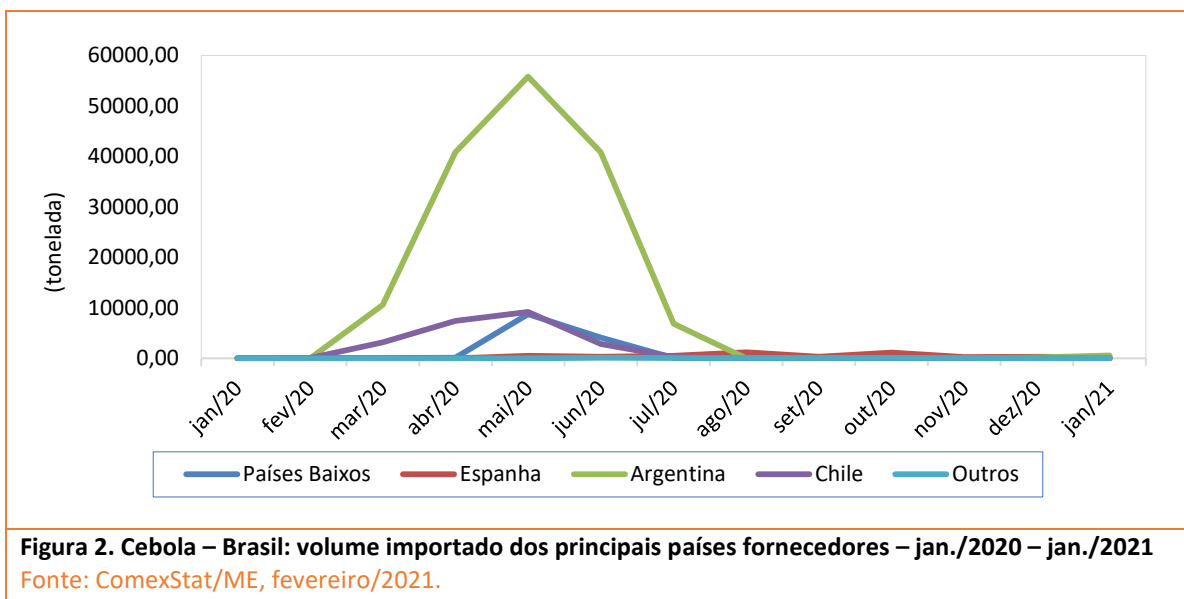
Países	Valor FOB (mil US\$)	Volume (t)	Valor US\$/kg
Argentina	26.244,2	155.098,9	0,17
Chile	8.782,1	23.142,5	0,38
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	0,35
Espanha	2.080,8	4.751,5	0,44
Nova Zelândia	118,2	234,0	0,51
Peru	49,5	122,0	0,41
Reino Unido	29,6	78,0	0,38
Bélgica	11,0	28,0	0,39
Total	42.291,9	197.756,7	0,21

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, janeiro/2021.

Em janeiro, foram importadas 910,8 toneladas de cebola, aumento de 42,19% em relação ao mês de dezembro, com desembolso total de US\$272,33 mil (FOB). Comparado a janeiro de 2020, quando as importações foram de apenas 58 toneladas, o aumento foi de 1.053,3%.(Figura 1).



Os principais países fornecedores da hortaliça ao Brasil no mês de janeiro foram a Argentina com 614,42 toneladas, 67,45% do total, a Espanha com 267 toneladas, 29,37% do total e os Países Baixos com 28,8 toneladas, 3,16% do total (Figura 2).



Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Com exceção de São Paulo, os preços do frango vivo no final de 2020 e início de 2021 mantiveram o movimento de alta nos demais estados analisados neste boletim. Os preços preliminares de fevereiro, por sua vez, demonstram que os três estados apresentam variações positivas em relação ao mês anterior: 5,3% em São Paulo, 2,8% em Santa Catarina e 1,8% no Paraná.

Na comparação com os preços praticados em fevereiro de 2020, observam-se variações positivas bastante expressivas em todos os estados analisados: 46,9% em São Paulo, 45,6% no Paraná e 23,2% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de **4,6%**, de acordo com o IPCA/IBGE.

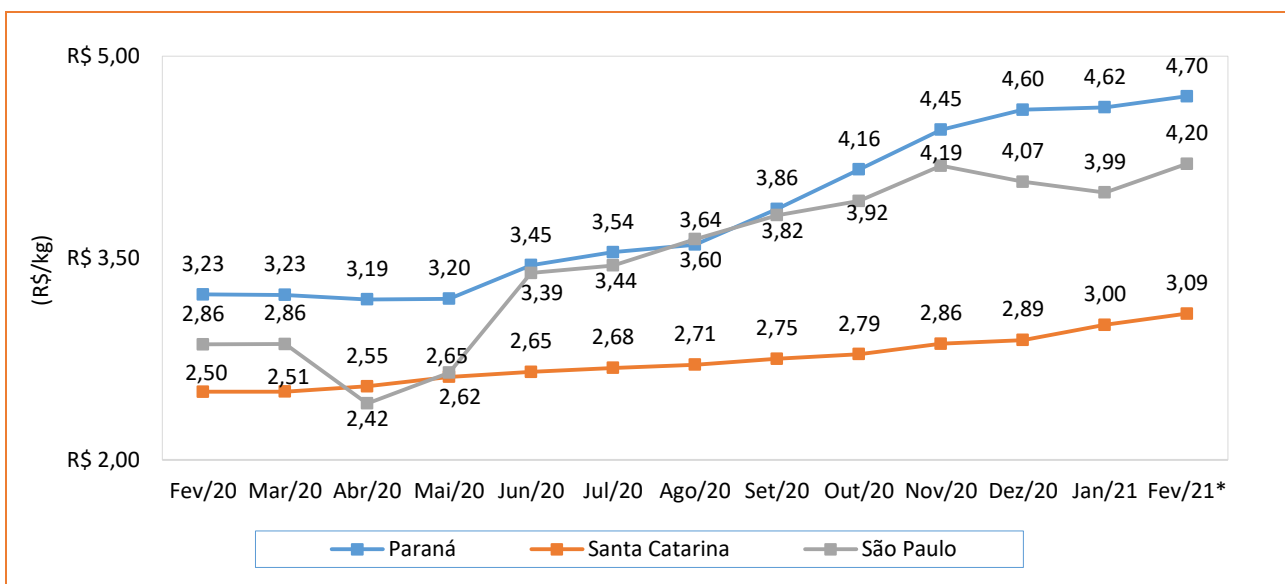


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, as três praças de levantamento de preços registraram altas nas duas primeiras semanas de fevereiro em relação ao mês anterior: 2,0% em Chapecó, 2,0% em Joaçaba e 4,4% no Sul Catarinense. Na comparação com os preços praticados em fevereiro de 2020 as variações são expressivas em todas as praças: 41,3% em Chapecó, 21,0% no Sul Catarinense e 7,0% em Joaçaba.

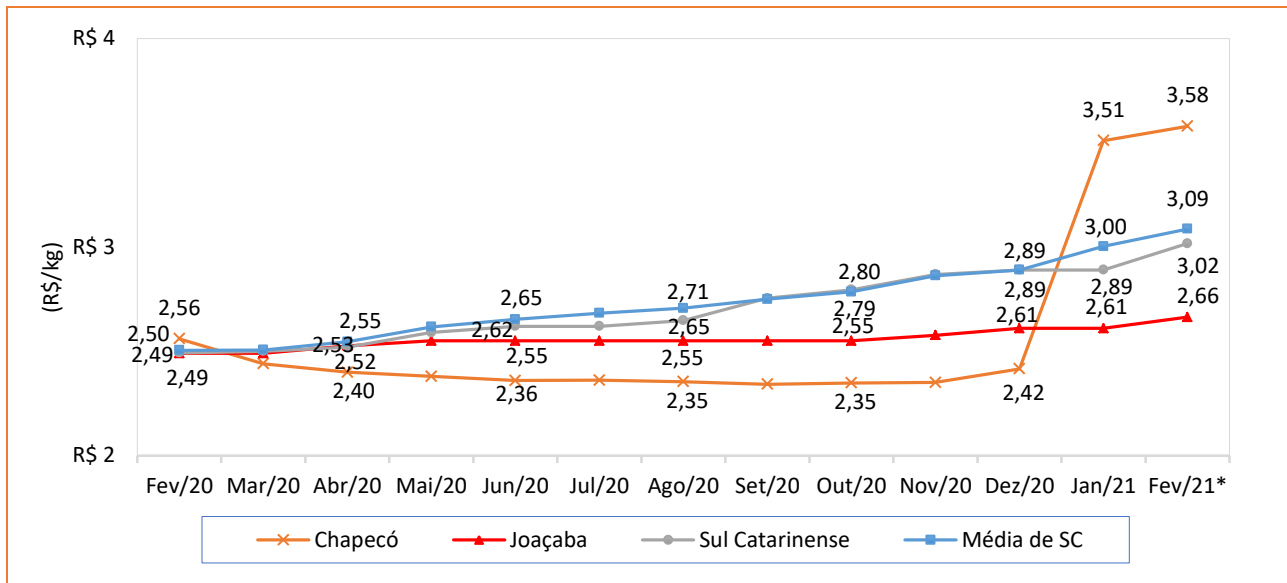


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de fevereiro, observaram-se poucas variações na maioria dos preços de atacado acompanhados pela Epagri/Cepa, em geral de alta. Quando comparados ao mês anterior, o preço da coxa/sobrecoxa congelada aumentou 1,5%, o frango inteiro congelado 0,9% e o filé de peito congelado 0,2%, enquanto o peito com osso congelado caiu 1,7%. A variação média foi de apenas 0,2%. Embora seja um percentual pequeno, ele marca a retomada do movimento de alta que havia sido interrompido em janeiro, quando a variação média dos quatro cortes foi de -1,9%.

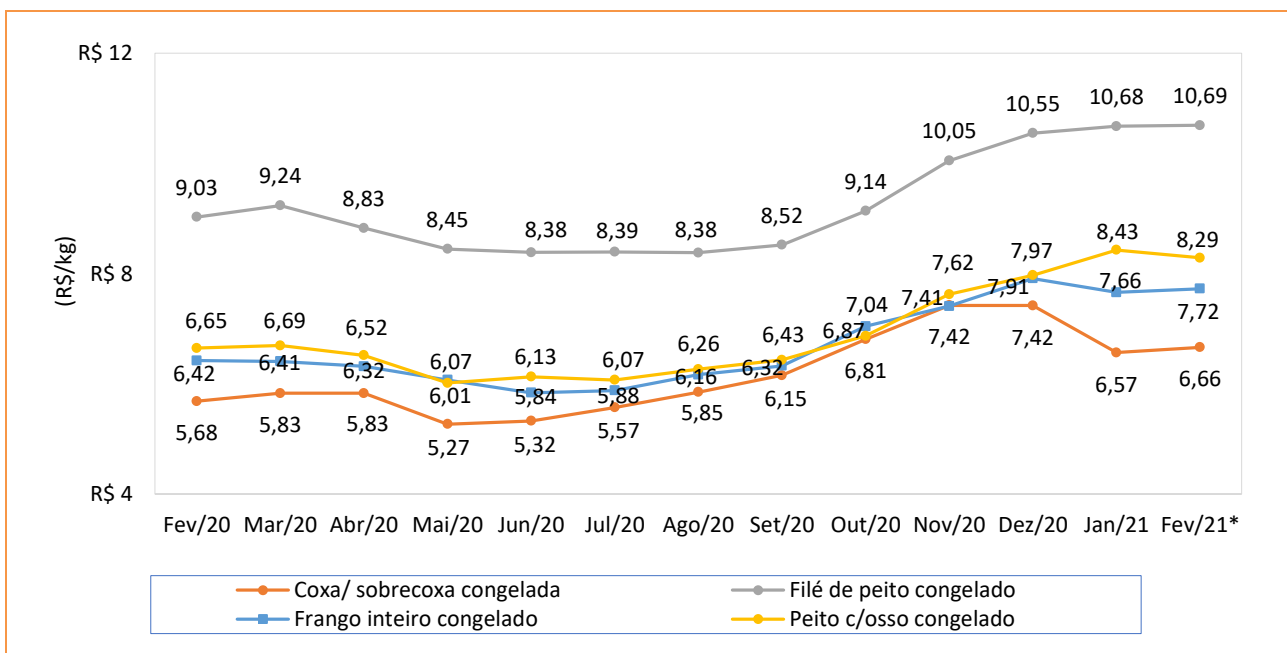


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Esse cenário de acomodação deve-se ao excedente de oferta no mercado, em função do baixo ritmo de exportações e à descapitalização do consumidor. De qualquer forma, espera-se um aumento na demanda de carne de frango ao longo de 2021, dada a continuidade da crise econômica e o elevado preço das demais carnes, o que garante uma competitividade relativa ao frango.

Quando se compara os valores preliminares de fevereiro com o mesmo mês de 2020, todos os cortes apresentam variações positivas: peito com osso (24,7%), frango inteiro (20,3%), filé de peito (18,5%) e coxa/sobrecoxa (17,3%). Na média, a variação foi de 20,2%.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) de janeiro registrou alta de 5,1% em relação ao mês anterior. Nos últimos doze meses, a variação foi de 43,2%, impulsionada pela elevação dos custos com nutrição (38,9%).

A relação de equivalência insumo-produto apresentou queda nas primeiras semanas de fevereiro (-3,5%). Tal resultado é fruto da variação negativa no preço de atacado do milho (-1,6%) e da alta no preço do frango vivo (2,0%), ambos na praça de Chapecó. Na comparação com fevereiro de 2020, o valor atual da relação de equivalência apresenta alta de 34,8%.

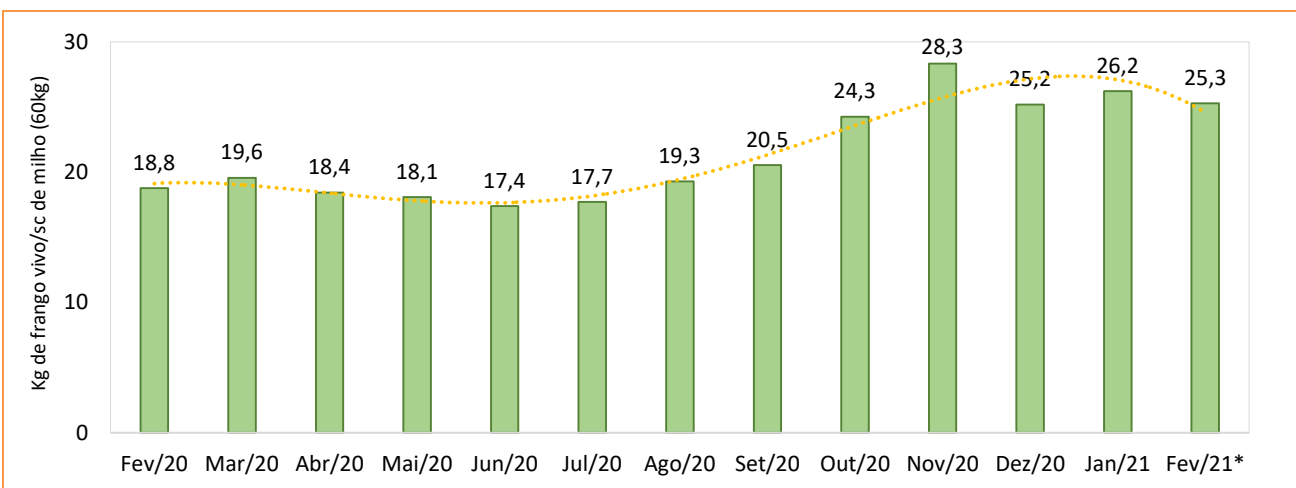


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* O valor de fevereiro é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os altos custos de produção seguem sendo a preocupação central do setor avícola este ano, inclusive influenciando o planejamento de muitas empresas. É o caso da Aurora, cujo presidente recentemente afirmou em entrevista que a cooperativa discute a possibilidade de reduzir sua produção de frangos em 2021, já que a atividade vem apresentando margens negativas.

Comércio exterior

Em janeiro, o Brasil exportou **282,83 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de **23,4%** em relação ao mês anterior e **10,8%** abaixo do registrado em janeiro de 2020.

As receitas foram de **US\$ 423,90 milhões**, quedas de **21,5%** em relação a dezembro e de **18,8%** na comparação com janeiro de 2020.

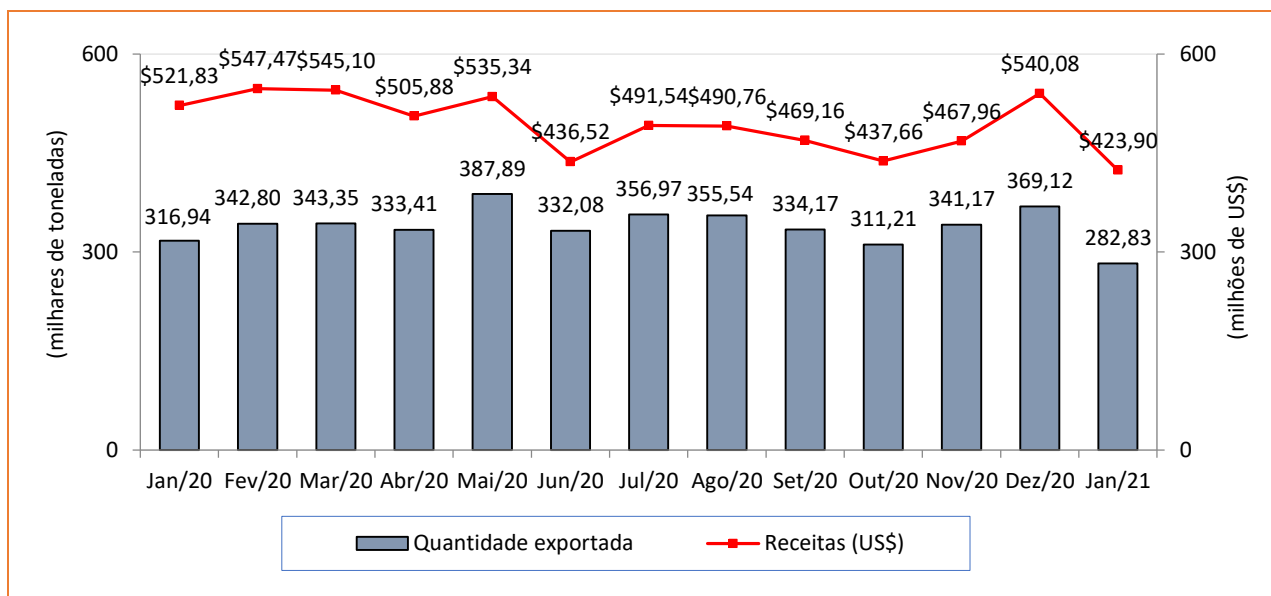


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Esses resultados negativos devem-se, principalmente, à queda nos embarques para a China (-35,3% em valor e -26,3% em quantidade) e à redução nos valor médio da tonelada exportada (na comparação com janeiro do ano anterior).

De acordo com nota da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), houve compra antecipada de produtos pelos importadores da Ásia, em função das celebrações do Ano Novo Chinês, celebrado no início de fevereiro. Essa dinâmica resultou em quedas nos embarques de janeiro, devendo também afetar o mês de fevereiro. Com a passagem do Ano Novo Chinês e o início de um novo ciclo de embarques, espera-se que os níveis das vendas para a região retomem os patamares praticados em 2020 a partir de março.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 58,4% das receitas do período.

Em janeiro, Santa Catarina exportou **60,42 mil** toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), **queda de 27,8%** em relação ao mês anterior e de **22,4%** na comparação com janeiro de 2020.

As receitas foram de **US\$99,60 milhões**, queda de **24,5%** em relação ao mês anterior e de **25,9%** na comparação com janeiro de 2020.

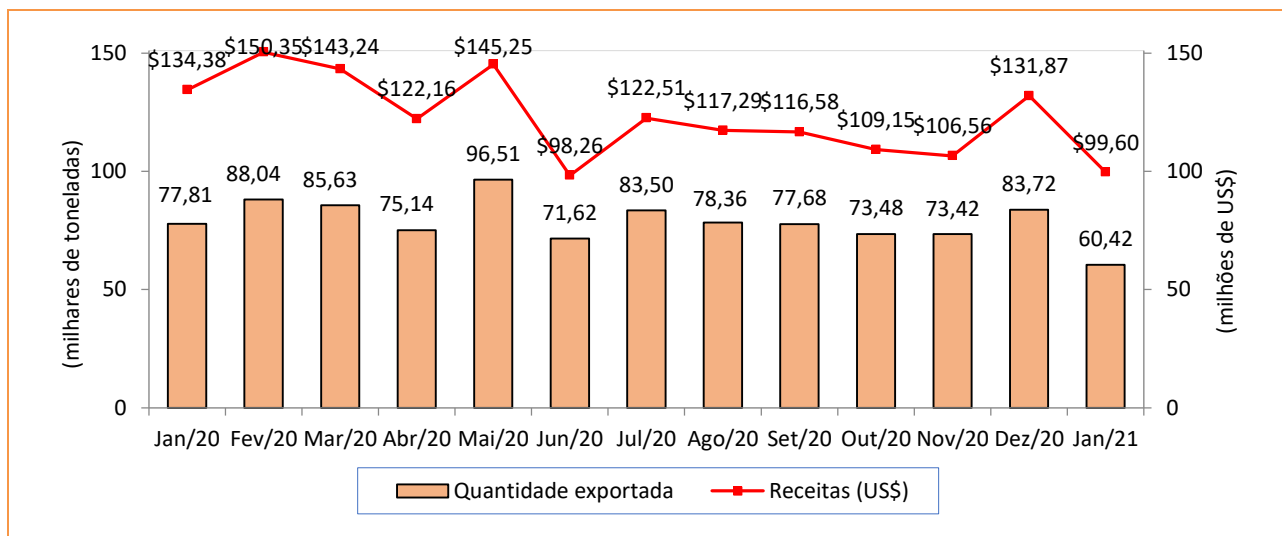


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em janeiro foi de **US\$ 1.579/tonelada**, alta de **6,6%** em relação ao mês anterior, mas queda de **6,1%** em relação ao valor de janeiro de 2020.

O estado foi responsável por **23,5%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano.

A Tabela 1 apresenta os principais destinos do frango catarinense em janeiro, os quais responderam por 64,3% do valor e 59,5% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Janeiro/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	19.210.988,00	11.061
China	13.624.096,00	7.931
Arábia Saudita	11.630.830,00	6.765
Países Baixos	11.291.971,00	4.852
Emirados Árabes Unidos	8.327.554,00	5.334
Demais países	35.510.672,00	24.474
Total	99.596.111,00	60.417

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, sete registraram variação negativa, na comparação com janeiro de 2020, com destaque para Japão (-20,4% em valor e -9,0% em quantidade), China (-45,9% e -36,3%) e Emirados Árabes Unidos (-9,6% e -1,0%). Por outro lado, a Arábia Saudita, que apresentou quedas expressivas durante 2020, voltou a apresentar crescimento bastante expressivo em janeiro (41,3% em valor e 43,9% em quantidade, em relação a janeiro/2020). Da mesma forma, os Países Baixos seguem ampliando sua importância nas exportações catarinenses de carne de frango e também apresentaram resultados positivos em janeiro (42,3% em valor e 5,1% em quantidade).

Como já mencionado em outros momentos, em 2021 a avicultura deve depender muito do mercado interno para manter níveis de produção e preços. Contudo, os recentes surtos de influenza aviária registrados na Europa podem representar uma oportunidade de ampliação das exportações brasileiras e catarinenses.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

No primeiro bimestre de 2021 observou-se a retomada do movimento de alta nos preços do boi gordo, que havia sido interrompido em dezembro. Nas primeiras semanas de fevereiro, sete estados analisados neste boletim apresentaram altas em relação ao mês anterior: 8,0% em Mato Grosso, 6,8% em Minas Gerais, 6,1% em Mato Grosso do Sul, 5,7% em São Paulo, 5,2% em Goiás, 4,0% no Paraná e 3,5% em Santa Catarina. Somente o Rio Grande do Sul apresentou queda de -1,2% no período.

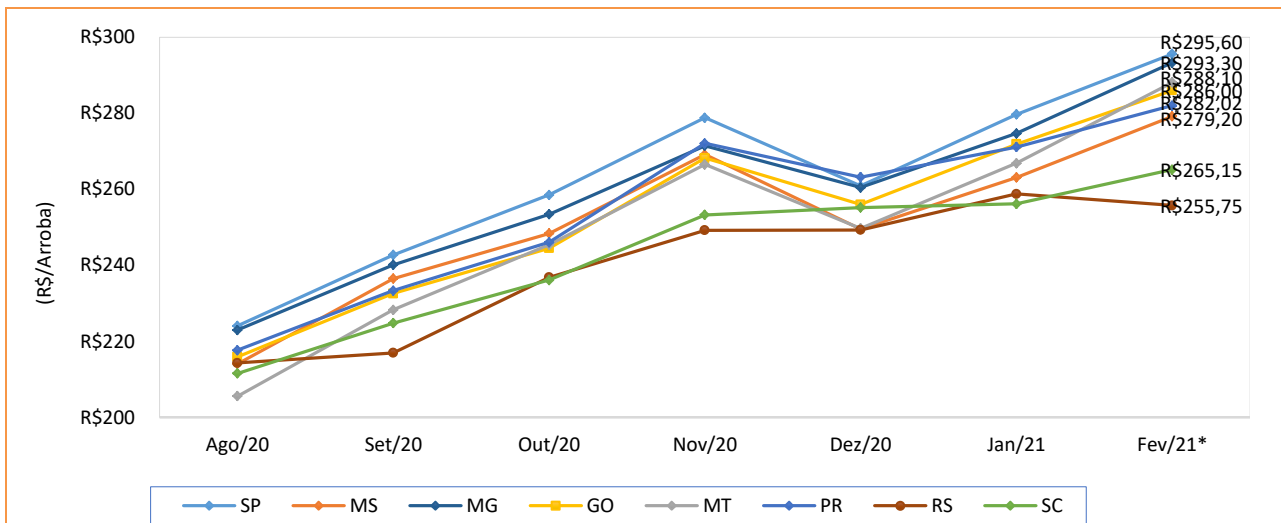


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Na comparação com os valores de fevereiro de 2020, a variação é expressiva em todos os estados: 58,1% no Mato Grosso, 54,9% em Goiás, 53,7% no Mato Grosso do Sul, 53,1% em Minas Gerais, 51,5% no Paraná, 49,7% em São Paulo, 42,7% em Santa Catarina e 19,8% no Rio Grande do Sul. Nos últimos 12 meses, a inflação acumulada foi de **4,6%**, de acordo com o IPCA/IBGE.

Embora tenham sido observadas quedas em dezembro, decorrentes do consumo aquém do esperado para esse período e da redução no ritmo das exportações, a perspectiva de retomada dos embarques a partir de fevereiro aqueceu a procura por animais. Em função da baixa disponibilidade de animais prontos para abate, os preços voltaram a subir.

Esse cenário está provocando dificuldades principalmente para os frigoríficos que dependem essencialmente do mercado interno. Com os preços do boi gordo subindo quase que diariamente e a impossibilidade de repassar esses aumentos aos preços de atacado (em razão da demanda enfraquecida), essas unidades são afetadas por uma redução gradativa das suas margens de lucro, o que coloca a sustentabilidade econômica das mesmas em risco.

Em Santa Catarina, foram registradas variações positivas nas duas praças de referência do boi gordo: 1,0% em Chapecó e 0,6% em Lages, na comparação entre o preço preliminar das primeiras semanas de fevereiro e o mês anterior. Em relação a fevereiro de 2020, as variações são bastante significativas nos dois casos: 59,5% em Chapecó e 39,8% em Lages.

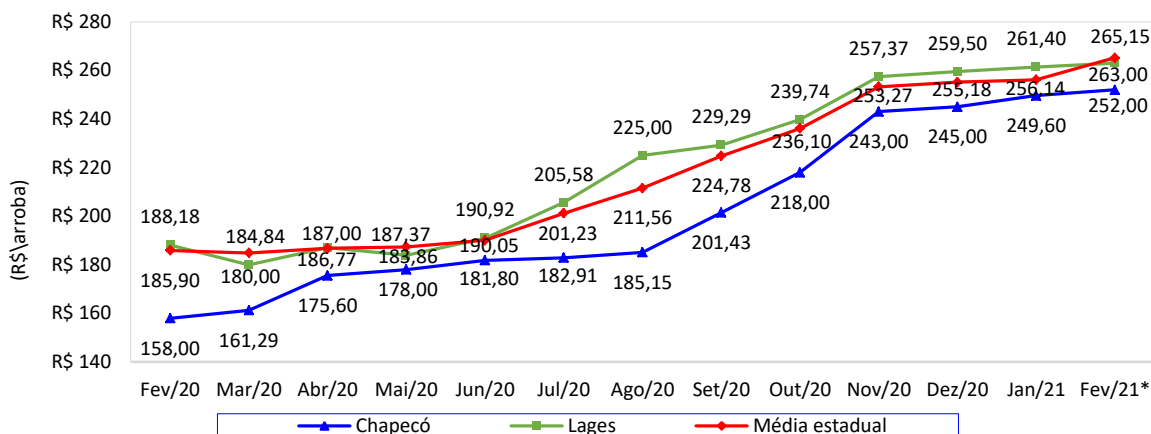


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina nas primeiras semanas de fevereiro mantiveram a tendência de alta que vem sendo observada desde meados do ano passado. Em relação ao mês anterior, registram-se variações de 2,7% para a carne bovina de dianteiro e 0,9% para a carne bovina de traseiro, com média de 1,8%. No mês anterior, a variação média foi de 3,4%.

Há pouco espaço para novos reajustes no curto prazo, principalmente em razão da dificuldade do consumidor médio absorver tais variações, que poderiam ampliar a migração dos mesmos para proteínas mais acessíveis.

Quando se comparam os valores atuais e aqueles praticados em fevereiro de 2020, as altas são de 33,8% na carne de dianteiro e 24,9% na carne de traseiro, o que resulta num aumento médio de 29,3%.

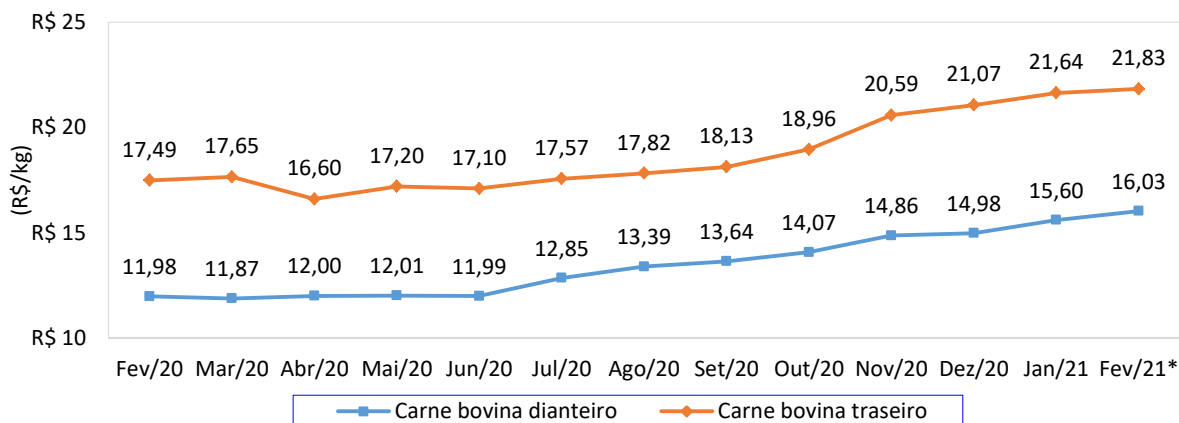


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Nas primeiras semanas de fevereiro, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram comportamento distinto, de acordo com a categoria. Na comparação com janeiro, os preços

preliminares de fevereiro apresentaram alta de 0,2% para os bezerros de até 1 ano e queda de 1,8% para os novilhos de 1 a 2 anos. Vale mencionar que, no caso dos novilhos, esta é a primeira variação negativa registrada desde maio de 2020. Na comparação com fevereiro de 2020, as variações são de 24,2% para os bezerros e 27,2% para os novilhos.

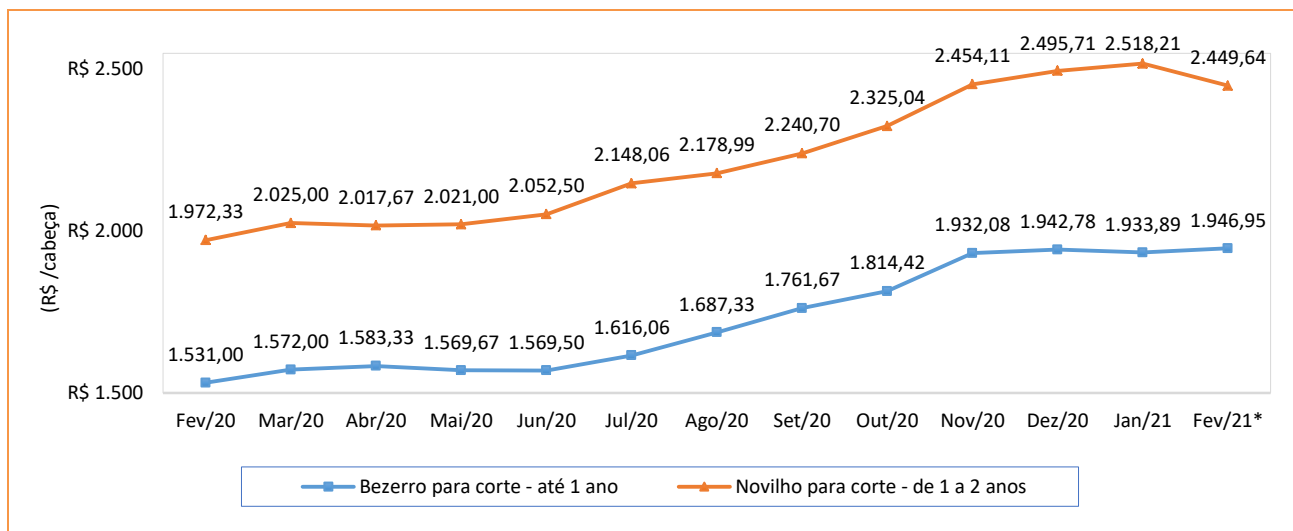


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em janeiro, o Brasil exportou **126,20 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), **queda de 24,7%** em relação ao mês anterior e de **6,6%** na comparação com janeiro de 2020. As receitas foram de **US\$547,80 milhões**, **queda de 26,0%** em relação ao mês anterior e de **11,3%** na comparação com janeiro de 2020.

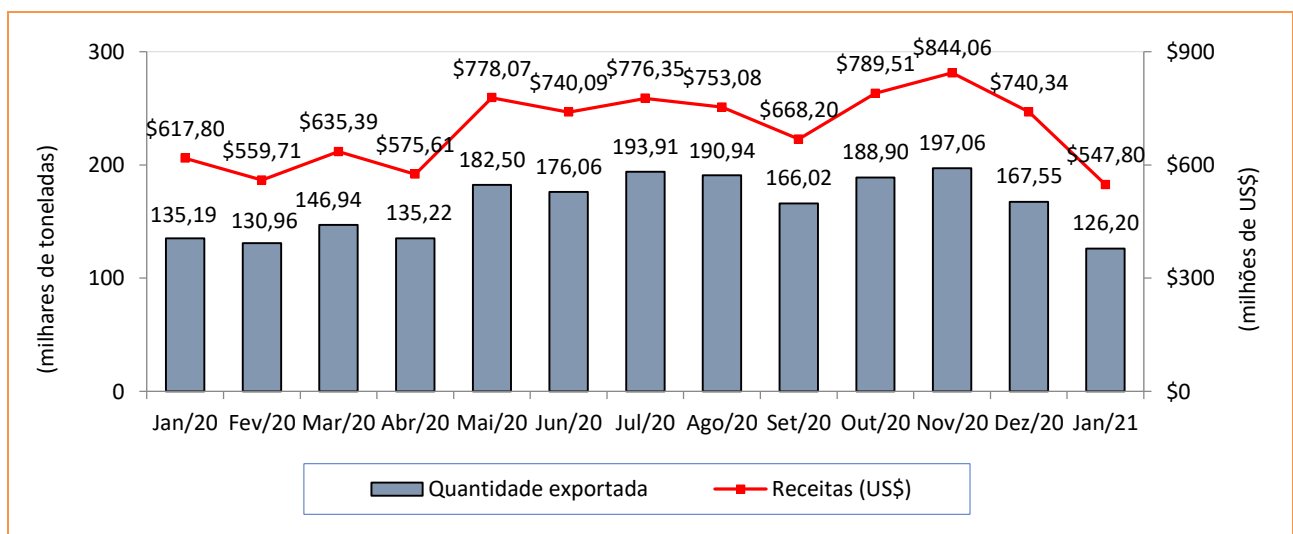


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em janeiro foi de **US\$ 4.510/tonelada**, alta de **0,1%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 6,2%** na comparação com o mesmo mês de 2020.

China e Hong Kong responderam por 64,4% das receitas brasileiras com as exportações desse produto em janeiro. Na comparação com o mesmo período de 2020, a China ampliou em 16,5% a quantidade de carne bovina importada do Brasil, mas observou-se queda de 7,1% no valor.

Dentre os dez principais destinos da carne bovina brasileira, sete apresentaram quedas nas receitas de janeiro, com destaque para China (-7,1%, não obstante a alta de 16,5% no volume embarcado), Hong Kong (-17,9%) e Chile (-15,9%). Por outro lado, altas consideráveis foram observadas nas receitas das exportações para Estados Unidos (198,8%) e Itália (47,5%).

As quedas nas exportações para a Ásia devem-se, em grande parte, ao Ano Novo Chinês, celebrado no início de fevereiro. Com isso, grande parte dos importadores procurou antecipar as compras ao longo do último trimestre de 2020, resultando em queda significativa em janeiro. A perspectiva é de que os embarques voltem a crescer a partir de março.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **152 toneladas** de carne bovina em janeiro, com faturamento de **US\$577 mil**, quedas de 62,9% e de 52,9%, respectivamente, em relação a janeiro de 2020.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Assim como já havia sido observado nos dois meses anteriores, nas primeiras semanas de fevereiro os preços dos suínos vivos apresentaram quedas em todos os principais estados produtores, com índices significativos na maioria dos casos (Figura 1).

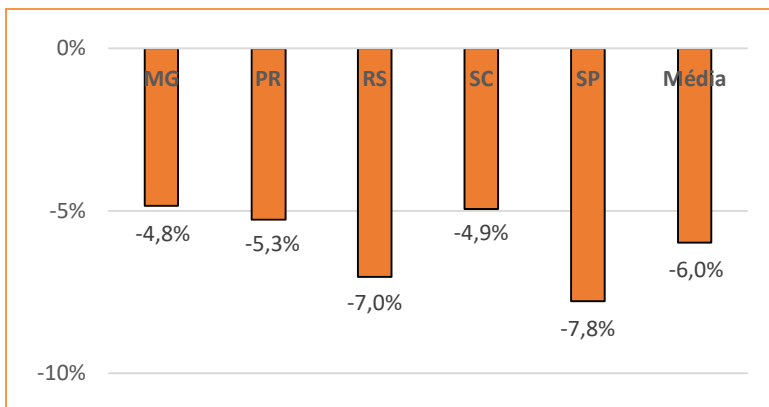


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (janeiro/fevereiro de 2021*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Esse cenário é resultante, principalmente, da estagnação do mercado interno e da redução dos volumes exportados no período, como veremos adiante.

Contudo, os dados diários dos dias anteriores à publicação deste boletim indicavam a retomada do movimento de alta em quase todos os estados, embora ainda insuficiente para fazer frente às perdas acumuladas nas semanas anteriores.

Apesar dos resultados preliminares deste mês, na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em fevereiro de 2020 ainda observam-se variações positivas em todos os estados analisados: 36,4% no Rio Grande do Sul, 36,6% em Santa Catarina, 26,7% no Paraná, 23,0% em São Paulo e 17,9% em Minas Gerais. Conforme o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de **4,6%**.

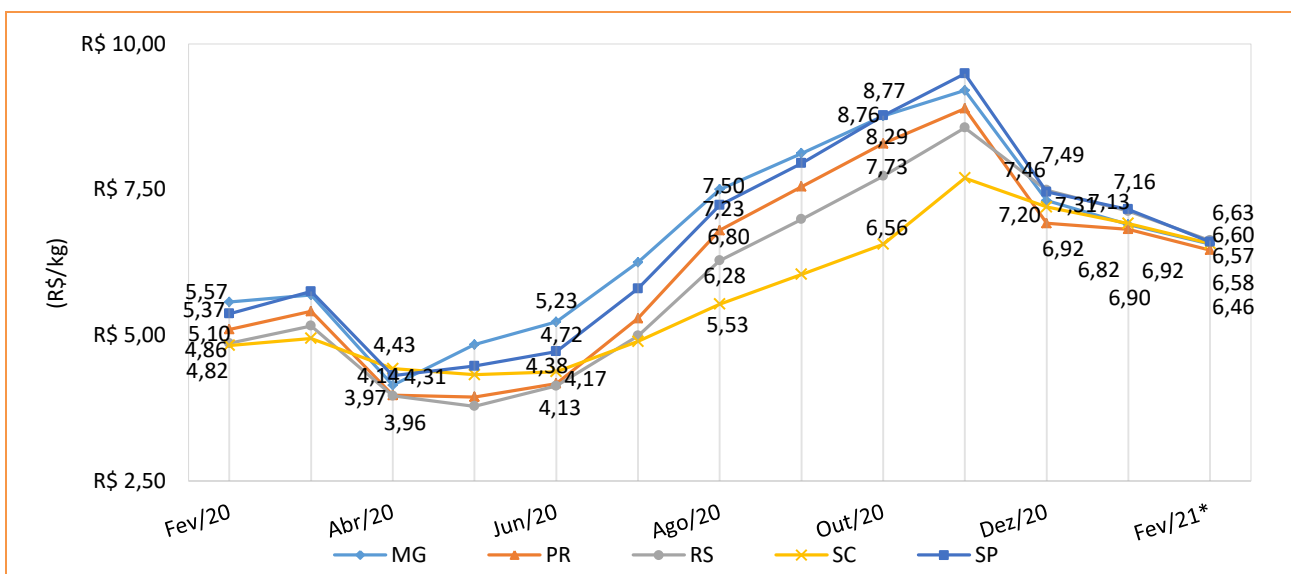


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, verificam-se quedas nos preços dos suínos vivos em fevereiro. No caso dos integrados, o preço preliminar de fevereiro caiu 3,3% em relação ao mês anterior, enquanto o preço pago aos produtores independentes apresentou queda bem mais expressiva: -17,7%. Na comparação com fevereiro de 2020, as variações ainda são positivas em ambos os casos: 33,9% para os produtores independentes e 42,8% para os integrados.

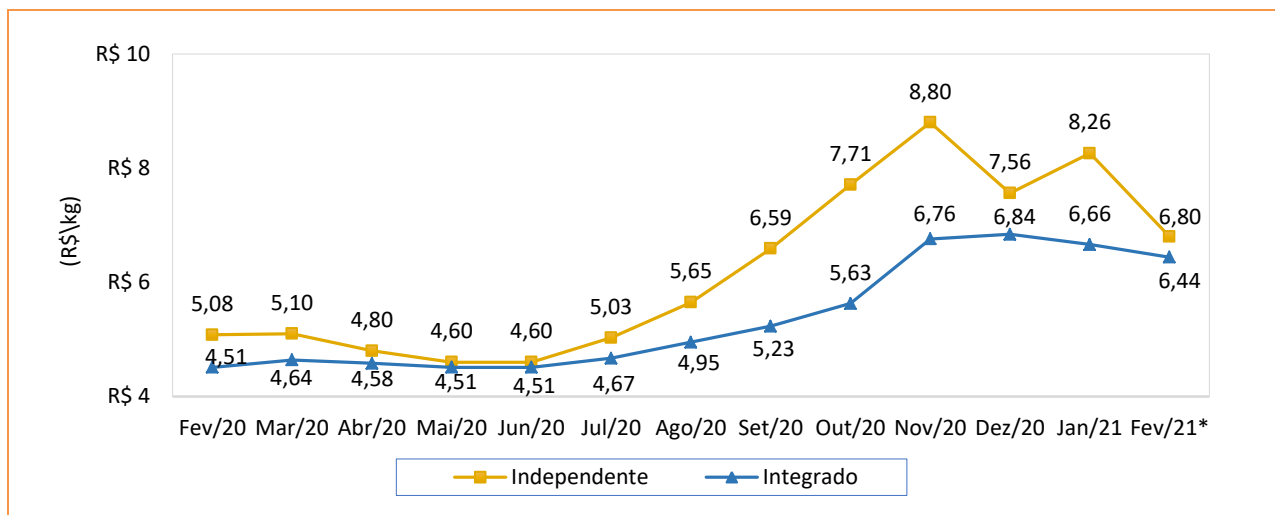


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Assim como no mercado de suínos vivos, nas primeiras semanas de fevereiro os preços de atacado da maioria dos cortes de carne suína acompanhados pela Epagri/Cepa registraram quedas na comparação com o mês anterior: carcaça (-5,7%), costela (-2,4%), carré (-2,4%) e lombo (-2,0%). Somente o pernil apresentou alta (2,7%). A variação média dos cinco cortes foi de -2,0%. Já havia sido registrado o predomínio de variações negativas nos preços de atacado de dezembro e de janeiro.

Na comparação entre os valores preliminares de fevereiro e os preços praticados no mesmo mês de 2020, as variações ainda são positivas em todos os cortes: carré (56,0%), pernil (47,6%), costela (34,2%), carcaça (26,1%) e lombo (25,1%). Na média, a alta foi de 37,8%.

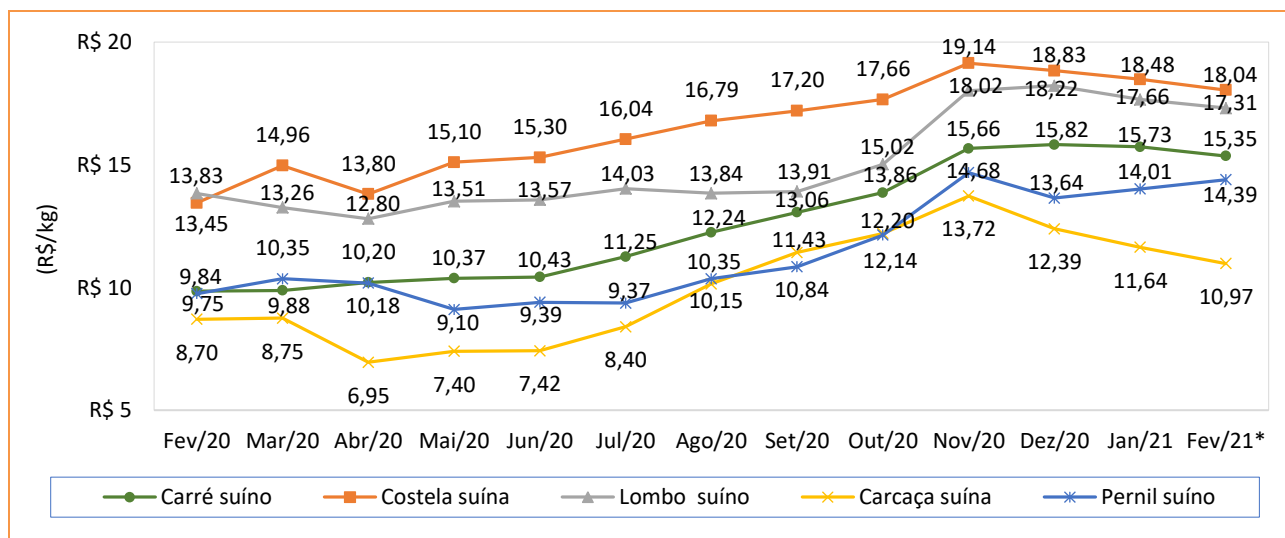


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Esse cenário é decorrente do consumo aquém do esperado no final do ano passado e da queda sazonal na demanda no primeiro bimestre do ano, além de um menor volume de exportações em janeiro e primeiras semanas de fevereiro. Com isso, há um excesso de oferta no mercado interno, o que pressiona os preços para baixo.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) de janeiro registrou alta de 1,1% em relação ao mês anterior. Nos últimos doze meses, a variação foi de 46,0%, impulsionada pela elevação dos custos com nutrição (41,3%).

Assim como os animais vivos, os preços dos leitões mais uma vez registraram quedas nas primeiras semanas de fevereiro. Em relação ao mês anterior, os preços médios preliminares registraram quedas de 2,0% para os leitões de 6 a 10kg e de 2,1% para os leitões de aproximadamente 22kg. Na comparação com as médias de fevereiro de 2020 ainda registram-se variações positivas bastante expressivas: 44,0% para os leitões de 6 a 10kg e 42,5%, os leitões de aproximadamente 22kg.

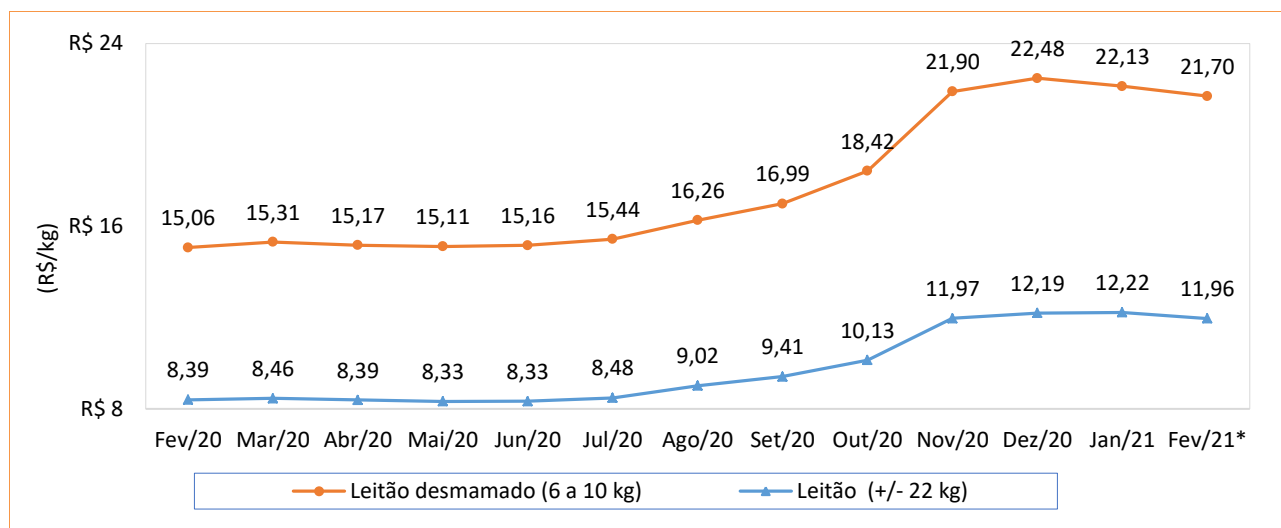


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/fev./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo-produto registrou nova alta nas primeiras semanas de fevereiro: 10,9% em relação ao mês anterior. Essa variação deve-se, principalmente, à queda de 11,3% no preço do suíno vivo em Chapecó, parcialmente compensada pela queda de 1,6% no preço de atacado do milho naquela mesma praça. O valor atual está 38,0% acima daquele registrado em fevereiro de 2020 e é o mais alto registrado desde maio de 2018.

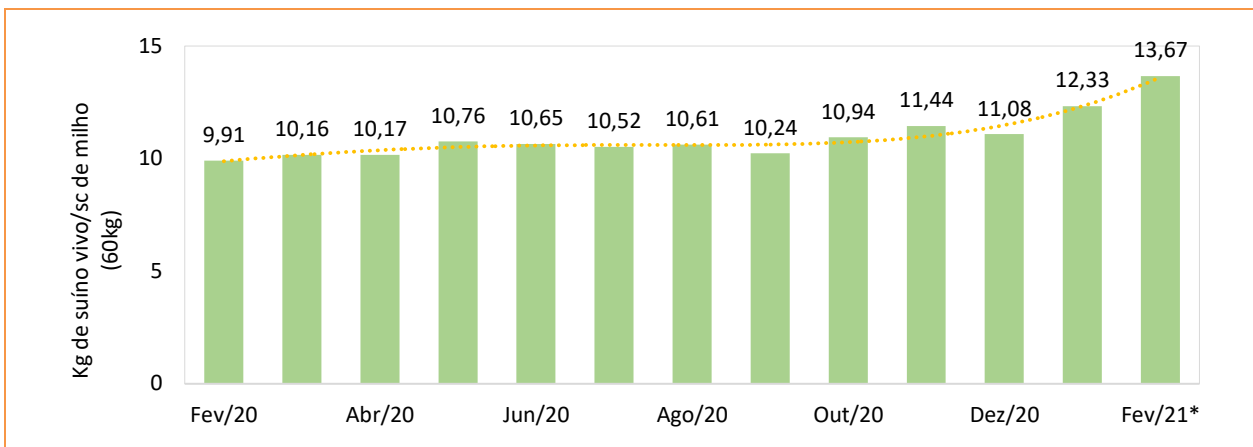


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho
Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.
* O valor de fevereiro é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/fev./2021.
Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em janeiro, o Brasil exportou **62,01 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), **queda de 24,4%** em relação ao mês anterior e de **8,4%** na comparação com janeiro de 2020. As receitas foram de **US\$145,21 milhões**, **queda de 22,8%** em relação ao mês anterior e de **11,0%** na comparação com janeiro de 2020.

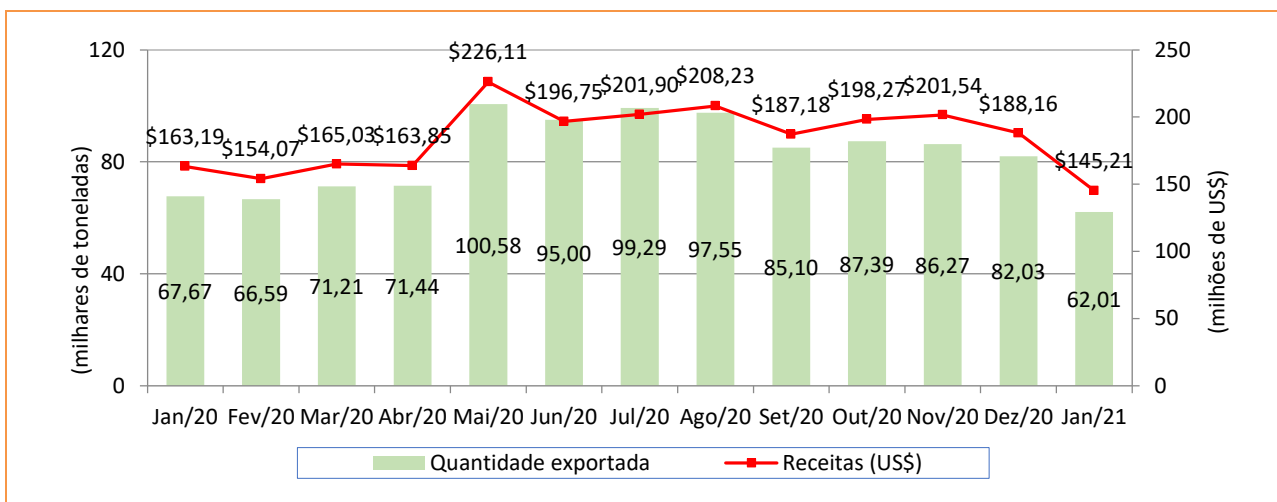


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas
Fonte: Comex Stat.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em janeiro foram China, Hong Kong, Chile Argentina e Uruguai, responsáveis por 84,8% das receitas no período. China e Hong Kong somam 65,7% do total.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **30,24 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em janeiro, **queda de 31,3%** em relação ao mês anterior e de **21,5%** na comparação com janeiro de 2020. As receitas foram de **US\$70,73 milhões**, **-32,8%** em relação ao mês anterior e **-22,9%** na comparação com janeiro de 2020.

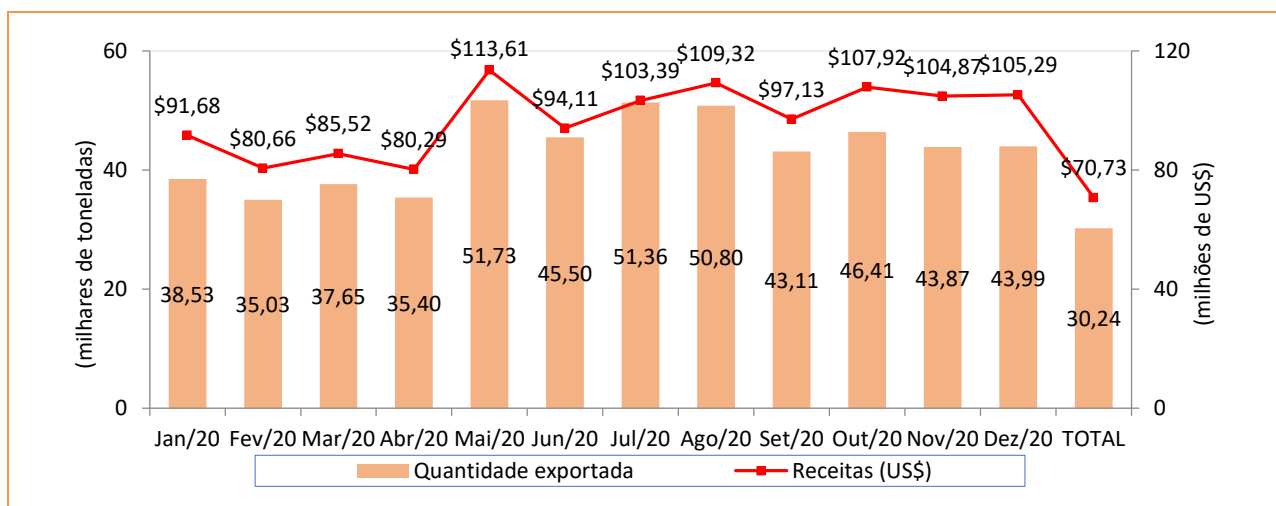


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em janeiro foi de **US\$ 2.434/tonelada**, alta de **1,4%** em relação ao mês anterior e de **2,5%** na comparação com janeiro de 2020.

Santa Catarina respondeu por **48,7%** das receitas e do volume de carne suína exportada pelo Brasil em janeiro.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 80,5% das receitas. China e Hong Kong responderam por 60,4%.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Janeiro/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	40.105.304,00	17.460
Chile	12.882.953,00	5.302
Argentina	3.958.102,00	1.352
Japão	2.803.996,00	659
Hong Kong	2.633.562,00	1.434
Demais países	8.341.709,00	4.032
Total	70.725.626,00	30.239

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, seis apresentaram variações negativas nas receitas de janeiro em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (-21,8%), Hong Kong (-77,6%) e Estados Unidos (-28,1%). Por outro lado, merecem destaque os crescimentos nos embarques para o Chile (43,5% em quantidade e 45,4% em valor) e a Argentina (67,6% e 62,9%). Com isso, Chile e Argentina foram o 2º e o 3º principais destinos da carne suína catarinense em janeiro, respectivamente. É importante frisar que, depois de quedas drásticas em 2019 e início de 2020, a Argentina vem novamente ampliando suas aquisições de carne suína catarinense.

De acordo com nota da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), houve compra antecipada de produtos pelos importadores da Ásia, em função das celebrações do Ano Novo Chinês, celebrado no início de fevereiro. Essa dinâmica resultou em quedas nos embarques de janeiro, devendo também afetar o mês de fevereiro. Com a passagem do Ano Novo Chinês e o início de um novo ciclo de embarques, espera-se que os níveis das vendas para a região retomem os patamares praticados em 2020 a partir de março. Contudo, persiste algum grau de incerteza em relação à magnitude das exportações para a China este ano, já que o país vem gradativamente recuperando seu rebanho suíno, além de diversificar seus fornecedores.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 11/02, o IBGE divulgou os primeiros resultados da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE), com os dados do último trimestre de 2020. Com isso estão provisoriamente fechados os dados de todos os meses e o total de leite adquirido pelas indústrias inspecionadas em 2020. Foram 25,397 bilhões de litros, o que significa um crescimento de 1,5% sobre os 25,011 bilhões de litros de leite que as indústrias adquiriram em 2019 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas						
Mês	Bilhão de litros					Var. %
	2016	2017	2018	2019	2020	2019-20
Janeiro	2,072	2,101	2,161	2,207	2,260	2,4
Fevereiro	1,892	1,833	1,890	1,933	2,054	6,3
Março	1,898	1,928	1,968	2,055	2,097	2,0
Abril	1,749	1,812	1,873	1,911	1,954	2,3
Maiο	1,742	1,907	1,734	1,975	1,940	-1,8
Junho	1,728	1,929	1,872	1,974	1,932	-2,1
Julho	1,897	2,058	2,036	2,075	2,119	2,1
Agosto	1,989	2,118	2,120	2,128	2,176	2,3
Setembro	1,963	2,103	2,100	2,081	2,152	3,4
Outubro	2,048	2,141	2,222	2,203	2,209	0,3
Novembro	2,052	2,154	2,210	2,186	2,194	0,4
Dezembro	2,140	2,250	2,271	2,283	2,309	1,1
Total	23,170	24,334	24,457	25,011	25,397	1,5

2020 - Dados preliminares/4º trimestre: primeiros resultados.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Em março, o IBGE divulgará essa mesma pesquisa com dados das unidades da federação, quando possivelmente haverá “correções” em alguns números desses primeiros resultados de âmbito nacional. É improvável, contudo, que essas “correções” sejam significativas a ponto de alterar expressivamente esse resultado anual, que está longe de ser considerado um desempenho satisfatório.

Importações

Ainda do lado da oferta, se a produção brasileira inspecionada aumentou pouco, não se pode considerar o mesmo sobre as importações brasileiras de lácteos, que, depois de decrescerem em 2017, 2018 e 2019, aumentaram 23,2% em 2020. A quantidade de lácteos importada saltou de 139,3 milhões para 171,6 milhões de quilos de 2019 para 2020.

Como boa parte dessas importações estiveram concentradas no período de setembro a dezembro, que coincide com o período de queda dos preços internos de alguns lácteos e dos preços recebidos pelos produtores, agentes relacionados à cadeia leiteira nacional tentam acionar o governo federal para tentar restringir a entrada de lácteos de outros países. Nesse momento, principalmente da Argentina, que em 2020 respondeu por 62% da quantidade de lácteos importada pelo Brasil.

É compreensível que a rápida e intensa piora nas condições do mercado interno e as grandes pressões de custos que indústrias lácteas e produtores de leite vivenciam estimulem parte dos agentes da cadeia produtiva a acionarem o governo federal para adotar medidas restritivas às importações de lácteos. Entretanto, não custa lembrar que isso está impossibilitado por acordo de décadas no âmbito dos países que são membros plenos do Mercosul: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Um exemplo relativamente recente dessa impossibilidade vem do próprio setor lácteo: no último trimestre de 2017 o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) do Brasil teve que suspender em poucos dias medidas que havia tomado em relação às importações lácteas provenientes do Uruguai.

Ainda que não houvesse os compromissos do Mercosul, parece improvável que o governo brasileiro viesse a querer problemas nas relações comerciais com os países com os quais o Brasil tem balança comercial geral amplamente favorável, como é o caso da Argentina. Apenas nos últimos cinco anos (2016-2020), o saldo comercial brasileiro acumulado foi de 16,2 bilhões de dólares: exportações de 64,2 bilhões e importações de 48,0 bilhões de dólares.

Além disso, com raríssimos momentos como exceções, há muitos anos está difícil atribuir às importações os eventuais problemas do mercado interno de leite e lácteos. Em relação aos últimos meses, por exemplo, é muito mais realista compreender as quedas dos preços internos pelas mudanças no programa de auxílio emergencial (primeiro, pela redução do número de beneficiários e do valor pago por beneficiário e agora pela inexistência do programa) e pela redução do poder de compra de alimentos pelas camadas da população de faixas mais baixas de renda⁶, do que pelas importações, cuja quantidade de janeiro deste ano já ficou em patamar bem inferior aos dos últimos meses de 2020 (Tabela 2).

Tabela 2. Lácteos - Importações brasileiras

Mês	Milhão de quilos					
	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Janeiro	8,378	18,960	8,366	13,649	10,583	17,850
Fevereiro	7,523	16,312	10,332	16,046	8,804	
Março	16,859	15,467	9,029	10,689	9,384	
Abril	21,185	13,536	11,965	10,864	5,997	
Maiο	25,777	17,700	13,418	13,729	7,523	
Junho	25,191	17,338	11,077	10,954	8,421	
Julho	23,918	16,027	13,848	9,949	12,585	
Agosto	25,672	13,472	13,266	9,858	17,987	
Setembro	28,872	10,400	11,863	12,759	22,828	
Outubro	19,249	8,968	18,471	9,777	22,131	
Novembro	20,583	9,093	17,919	10,826	22,948	
Dezembro	19,360	9,057	10,285	10,235	22,436	
Total	242,6	166,3	149,8	139,3	171,6	

Fonte: Comex Stat

Preços

Nesse ambiente de quedas dos preços dos lácteos, dos preços recebidos pelos produtores, e de pressões de custos para indústrias e produtores, as últimas reuniões do Conleite/SC foram marcadas por muitas preocupações, não apenas com o momento atual, mas, principalmente, com as perspectivas para esse ano

⁶ É relativamente fácil demonstrar, por exemplo, que o salário-mínimo, que determina direta ou indiretamente a renda de milhões de brasileiros, perdeu substancial poder de compra de alimentos no transcorrer de 2020. A sua correção recente é importante, mas insuficiente para reverter o quadro criado ao longo de 2020.

de 2021. Nesse sentido, a primeira reunião de 2021 (dia 22/01) foi bastante frustrante, pois ficou claro que, depois de uma recuperação na primeira quinzena de dezembro, os preços de vários lácteos voltaram a cair nas semanas finais de dezembro e/ou nas semanas iniciais de janeiro/21. Com isso, não apenas o preço final de dezembro (R\$1,7121/l) ficou abaixo do que havia sido projetado na reunião anterior (R\$1,7409/l), como o preço projetado para janeiro/21 (R\$1,5885/l) ficou muito abaixo dos valores dos valores estabelecidos desde agosto do ano passado (Tabela 3).

Tabela 3. Leite padrão: Santa Catarina - preços de referência do Conseleite						
Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	1,5885	5,3	29,4
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342		0,3	
Março	1,0857	1,1957	1,2974		8,5	
Abril	1,1295	1,2185	1,3192		8,3	
Maio	1,1522	1,2535	1,3091		4,4	
Junho	1,3454	1,2036	1,5176		26,1	
Julho	1,4050	1,1560	1,5588		34,8	
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288		45,1	
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994		52,9	
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075		48,3	
Novembro	1,1358	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,1228	1,2227	1,7121		40,0	
Média anual	1,1793	1,1954	1,5068		26,1	

Janeiro/2021: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

A reunião de fevereiro está marcada para o dia 26, mas, como as informações de mercado indicam que os preços dos lácteos seguiram decrescentes, a tendência é de nova redução no preço de referência de fevereiro e dos preços a serem recebidos em março pelos produtores.